



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



Anna Paula Gomes da Silva

**PERCEPÇÕES DE AVÓS CUIDADORAS MATEERNAS SOBRE A CRIAÇÃO E
EDUCAÇÃO DOS NETOS**

Juiz de Fora

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



Anna Paula Gomes da Silva

**PERCEPÇÕES DE AVÓS CUIDADORAS MATERNAS SOBRE A CRIAÇÃO E
EDUCAÇÃO DOS NETOS**

Orientadora:

Prof^ª Dr^ª Marisa Consenza Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por Anna Paula Gomes da Silva.

Juiz de Fora

2010

Anna Paula Gomes da Silva

**PERCEPÇÕES DE AVÓS CUIDADORAS MATERNAS SOBRE A CRIAÇÃO E
EDUCAÇÃO DOS NETOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 10 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Marisa Cosenza Rodrigues - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Neide Magalhães Cordeiro

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Teresa Creusa Góes Monteiro Negreiros

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

*Com a minha avó,
aprendi sobre as coisas invisíveis,
essenciais ao coração.*

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma virtude, graça. Muitas pessoas ajudaram-me a transformar esse sonho em realidade participando dessa construção rumo à qualificação pessoal e acadêmica.

À Prof^a. Dr^a. Marisa Consenza Rodrigues, Orientadora deste trabalho, que me aceitou e acolheu ajudando-me pacientemente a elaborar idéias, e construí-las da melhor maneira possível para que essa dissertação se concretizasse.

À Prof^a. Dr^a. Neide Cordeiro Magalhães, minha primeira Orientadora, que ajudou-me a delimitar e escolher o tema deste trabalho, e prontamente aceitou compor a Banca de Defesa.

À Prof^a. Dr^a. Teresa Creusa Góes Monteiro Negreiros, pela disponibilidade em aceitar o convite para esta defesa.

À Prof^a. Dr^a. Samila Sathler Batistoni, que muito contribui com esse trabalho a partir de questionamentos e sugestões no momento da qualificação.

Aos professores e funcionários do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), por terem inspirado questionamentos e ensinamentos essenciais para a elaboração desse trabalho e para a minha profissão.

Ao colega Leonardo, que ensinou-me a desvendar os segredos da estatística de um jeito simples colaborando para a construção dessa obra. Aos meus colegas de turma que contribuíram imensamente para a minha formação humana e profissional dividindo comigo alegrias e angústias em todo esse percurso.

À Irmã Ernestina, Diretora do Colégio Santa Catarina, pelo incentivo, colaboração e apoio desde o primeiro momento dessa dissertação e à Coordenadora Bebel, pela disponibilidade em facilitar a estrutura adequada para que a pesquisa fosse realizada.

Às amigas, Maria Fernanda, Ana Maria, Mônica e Andreia, companheiras de vida, de sonho e de trabalho, fonte de inspiração para todo esse processo, muito obrigado.

Às amigas Mônica, Alda e Dodó pela cumplicidade, solidariedade e partilhas durante toda a elaboração desse trabalho. Às supervisoras, professoras do Colégio Santa Catarina de Segundo e Terceiro Ano do Ensino Fundamental, Sandra e Patrícia, Michele, Juliana, Míriam, Emiliana, Delphina, Telma, Cíntia, Mariana e Lélia, e funcionários, Vânia, Elezir, Leonardo e Caio, pela disponibilidade em acolher os pedidos e as demandas que este trabalho exigiu.

Aos amigos do SEP, Sociedade de Estudos Psicanalíticos pelo encorajamento e apoio à minha formação.

Ao meu amigo e professor Jodemar Porto Costa, pela palavra contínua de solidariedade, apoio e incentivo.

Aos amigos redentoristas, Padres e Missionários Leigos, pela presença confortadora e amiga nos momentos de dificuldade e desânimo.

À minha querida e amada família, meus pais, Tatão e Mariinha, que me deram a vida e a chance de crescer e desenvolver os meus talentos; meus irmãos, Polyanna e João Paulo, companheiros de longa data. Ao meu Tio João e primos, família presente e querida nesta cidade, sempre prontos a me acolher em todos os momentos.

À minha amada madrinha, Tina, minha mãe de criação e coração, a quem dedico esta obra. Parceira de todas as horas, que me ensinou a estudar e a perseverar na vida desde muito cedo, cuidando da minha formação humana como um todo. A sua vida foi uma lição de amor e perseverança, lutou contra um inimigo voraz, o câncer, que ceifou sua vida a um ano atrás. A sua morte me ensinou a ter os olhos voltados para a eternidade e não para a fatalidade. *Obrigado por tudo, Madrinha!*

Ao meu noivo, Natan, pelo companheirismo, amor e dedicação acolhendo-me nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Às vovós que prontamente acolheram, entenderam e responderam ao chamado para participar dessa empreitada comigo.

À Deus, que me permitiu crescer e viver para esse momento e essa vocação. Que ela se transforme em bênçãos e dávidas para muitos outros.

RESUMO

O aumento da população idosa e as novas construções culturais e teóricas acerca dos processos de envelhecimento vem reconfigurando os papéis assumidos por idosas no seio das famílias contemporâneas. A presente pesquisa objetivou investigar a percepção de avós cuidadoras maternas sobre as práticas educativas e acompanhamento de seus netos em idade escolar e suas concepções sobre o desenvolvimento, educação e relacionamentos intergeracionais. A pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira, de rastreamento, contou com a participação de 70 mulheres, com idade média de 66,2 anos, avós de crianças de 7 a 10 anos de idade, alunos de uma escola particular na cidade de Juiz de Fora, sendo submetidas à aplicação de um instrumento de sondagem para a identificação das avós cuidadoras. Após análise estatística dos resultados, 10 avós, com idade igual ou superior a 60 anos, foram selecionadas para a participação na segunda etapa da pesquisa, respondendo a uma entrevista semi-estruturada cujo roteiro envolveu doze perguntas distribuídas em cinco temáticas. Os resultados oriundos do instrumento de rastreamento revelaram que 80% das avós encontravam-se numa faixa etária entre 50 e 59 anos enquanto a maioria das avós idosas, 85,5%, estavam compreendidas entre a faixa etária dos 60 – 69 anos e 14,5% entre 70-79 anos. No que se refere ao estado civil, 60% das avós maduras eram casadas enquanto 54,5% das avós idosas encontravam-se em união estável. A média do número de filhos para a amostra total de avós foi de 3,49 e a média para o número de netos esteve entre 4,27. A média do número de pessoas que residiam com as avós foi de 2,72 por residência. Da amostra inicial, 6,7% das avós maduras e 32,7% das avós idosas foram identificadas como cuidadoras, enquanto 86,6% das avós maduras e 67,3% idosas foram consideradas auxiliares. Das avós idosas cuidadoras, 10 mulheres participaram da entrevista (segunda etapa da pesquisa). A análise de conteúdo dessas entrevistas evidenciou que, o trabalho e a separação dos filhos são as principais razões que motivam o cuidado dos netos pelas avós. Em relação à concepção sobre a educação e criação dos netos, as avós concebem esse papel de uma forma restritiva e diferenciada dos filhos, desempenhando-o de forma secundária. Em relação ao desenvolvimento infantil dos netos, as avós evidenciaram dificuldades relacionadas à nutrição, constituição familiar e carência dos mesmos, declarando ainda que os cuidados prestados aos netos conferem a elas mais benefícios que prejuízos. No que se refere às relações intergeracionais e familiares, as idosas consideram a velhice um marco para mudanças pessoais e funcionais na família. Os resultados permitiram concluir que as avós cuidadoras representam suporte prático para os filhos e afetivo para os netos embora desempenhem um papel secundário na educação deles.

Palavras chaves: Avós Cuidadoras, Intergeracionalidade, Educação.

ABSTRACT

The increasing elderly population and new cultural and theoretical constructions about the processes of aging is reconfiguring the roles assumed by older within the contemporary family. This study investigated the perception of grandparent caregivers on maternal parenting practices and monitoring of their grandchildren at school age and their views on development, education and intergenerational relationships. The research was divided into two stages. The first screening, with the participation of 70 women with mean age of 66.2 years, grandparents of children aged 7 to 10 years old, attending a private school in the city of Juiz de Fora, being subjected to the application a survey instrument for the identification of grandparents caring. After statistical analysis, 10 grandparents, aged over 60 years, were selected for participation in the second stage of the research, responding to a semi-structured interview guide which involved twelve questions divided into five themes. The results from the screening instrument showed that 80% of grandparents were in the age group between 50 and 59 years while the majority of elderly grandparents, 85.5% were between the ages of 60-69 years and 14, 5% between 70-79 years. With regard to marital status, 60% of mature grandparents were married while 54.5% of elderly grandparents were in a stable union. The average number of children for the total sample of grandparents was 3.49 and the mean number of grandchildren was between 4.27. The average number of people living with grandparents was 2.72 per household. Of the initial sample, 6.7% of grandmothers mature grandmothers and 32.7% of participants were identified as caregivers, while 86.6% of grandmothers mature and older 67.3% were considered auxiliary. Grandmas elderly caregivers, 10 women participated in the interview (the second stage of the research). The content analysis of these interviews showed that the separation of work and children are the main reasons that motivate the care of grandchildren for grandparents. For design of the education and upbringing of their grandchildren, grandmothers conceive this role in a restrictive manner, differentiated the children, playing it so secondary. In relation to child development of their grandchildren, grandmothers revealed difficulties related to nutrition, family setting and lack thereof, declare that even the care of grandchildren to give them more benefits than losses. With regard to intergenerational relationships and families, the elderly consider old age as a milestone for personal and functional changes in the family. The results showed that represent practical support grandparents caring for children and affection for their grandchildren while playing a secondary role in their education.

Keywords: Grandparent Care, intergenerational, Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Caracterização sócio-demográfica da amostra (n=70).....	63
Tabela 2	Caracterização sócio-demográfica das avós maternas participantes da entrevista (n=10).....	67
Tabela 3	Caracterização das avós maternas como cuidadoras, auxiliaries e distantes.....	68
Tabela 4	Padrão de cuidados das avós idosas.....	70
Tabela 5	Razões dos cuidado oferecido aos netos por avós cuidadoras.....	72
Tabela 6	Diferença entre educar e cuidar dos netos.....	75
Tabela 7	Desenvolvimento saudável dos netos.....	77
Tabela 8	Acompanhamento da escolaridade dos netos.....	79
Tabela 9	Relacionamento das avós cuidadoras com os netos.....	80
Tabela 10	Diálogo entre avós e netos.....	82
Tabela 11	Necessidade das avós frente às práticas educativas.....	83
Tabela 12	Importâncias das avós para as famílias.....	85
Tabela 13	Relações familiares intergeracionais.....	87
Tabela 14	Mudanças Intergeracionais no padrão da educação.....	89
Tabela 15	Compartilhamento de idéias e opiniões entre avós e filhos.....	90
Tabela 16	Percepções das avós cuidadoras sobre as relações familiares e velhice.....	91
Diagrama 1	Composição familiar das avós maternas.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
KCS	Kansas City Study
LSG	Longitudinal Study of Generations
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
SESC	Serviço Social do Comércio
MPI	Max Plank Institute
WHOQOL	World Health Organization Quality Of Life

SUMÁRIO

Apresentação	12
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas Atuais	17
1.1.1 Envelhecimento Demográfico e Longevidade	21
1.1.2 Geratividade e Avosidade: uma delimitação de conceitos.....	26
1.2 Família e Relações Intergeracionais	31
1.3 Desenvolvimento e Educação	37
1.3.1 Contextualizando Fatores de Risco e Proteção para Crianças e Idosos.....	43
1.3.2 Avós Cuidadoras Maternas como Suporte Social na Infância.....	47
2. METODOLOGIA	56
2.1 Participantes	56
2.2 Instrumentos	56
2.3 Procedimentos	59
2.3.1 Análise de Dados.....	60
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
3.1 Perfil sócio-demográfico das avós maternas entrevistadas	62
3.2 Padrões de Cuidados Intergeracionais entre Avós Idosas e seus Netos	69
3.3 Resultados e Discussão das Entrevistas com o sub-grupo de participantes.	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXOS	106

Apresentação

Este será o século dos avós. A longevidade aproxima as gerações contribuindo para a maior convivência intergeracional no seio das famílias. Este convívio realça mudanças históricas, sociais, econômicas e políticas que modificaram a estrutura da sociedade, observada na diversidade dos arranjos familiares.

O aumento da população idosa, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a diminuição das taxas de natalidade e as transições econômicas desde a Revolução Industrial delinearão novos padrões de interação na família ocidental (Bengtson, 2001). Essas transições modificaram as relações conjugais e familiares onde infância e velhice ganharam papéis de destaque.

O surgimento da noção de infância coincide com a valorização dos ideais modernos de família. Nesse modelo, os papéis do núcleo familiar – pai, mãe e filhos, eram bem demarcados. De acordo com Barros (1987), os avós eram figuras distantes, e a velhice era vista como proximidade da morte. O bem-estar infantil, dessa perspectiva, era responsabilidade direta da família nuclear.

A partir da década de 1980, os avós passaram a desempenhar papéis importantes na vivência familiar seja auxiliando os filhos no cuidado direto dos netos, seja sendo um suporte afetivo e estrutural para a sua criação, inclusive autonomia na idade adulta. De acordo com Triadó (2005) esta tendência pôde ser observada pela verticalização das famílias, que, embora com menos membros devido às diminuições da taxa de natalidade, proporciona, pela longevidade, a maior convivência trigeracional.

Este cuidado prestado às novas gerações pelas pessoas mais velhas, o ato de ensinar valores e regras, o sentido de continuidade e pertencimento a uma sociedade foi chamado por Erikson (1971) de geratividade. O interesse pela formação dos filhos e netos, o sentido de continuidade da própria vida, o significado de se pertencer a um contexto e grupo histórico advém do sentimento gerativo adquirido com a maturidade e a velhice e, segundo o autor, é papel dos que se interessam e se comprometem com o senso de continuidade social.

Ao fluxo de interações e trocas estabelecidas entre avós, filhos e netos Bengtson, Furlong e Laufer (1983), deram o nome de solidariedade intergeracional. Esta teoria analisa as funções e papéis prestados e oferecidos entre as gerações dentro dos arranjos familiares incluindo trocas afetivas e estruturais. O autor cunhou o termo ‘avosidade’ para tratar especificamente dos padrões interativos entre avós e netos.

Na contemporaneidade, a presença dos avós nas famílias reflete além do contexto do envelhecimento populacional e da longevidade, o deslocamento das representações associadas à velhice ao longo das últimas décadas. O advento da Gerontologia marcada pelo pioneirismo de Neugarten (1961), de estudos longitudinais sobre os processos do envelhecer desde a década de 1970, por Baltes (1991; Schaie, 2005), impulsionaram mudanças e novas perspectivas para a compreensão da velhice ao longo do desenvolvimento humano.

Dessa concepção nasceu o paradigma *Life Span* que integra um conjunto de teorias que consideram o envelhecimento um processo heterogêneo, evolutivo, e multidimensional do ser humano ceceado por potenciais e limites. Esta compreensão contribuiu para a emergência da Psicologia do Envelhecimento, de atitudes e novos

conceitos em relação ao papel dos idosos nas sociedades e nas famílias. Neri (2007) aponta que a velhice na atualidade ganhou novos conceitos, olhares e papéis mais positivos.

A noção de envelhecimento ativo divulgado pela Organização Mundial de Saúde (2005) como um compromisso a ser atingido por todos os governos, realça a importância de se pensar na construção de uma sociedade gerativa para todas as idades. Já que o envelhecimento populacional é uma realidade, há que se desenvolver por meio das instituições educacionais meios que favoreçam a compreensão, a promoção e a intervenção de processos que favoreçam todas as pessoas, em todas as idades.

A presença dos avós pode ser observada em diversos contextos. De acordo com Oburu (2005) e Engstrom (2008) em casos de desestruturação familiar onde os genitores abandonam os filhos por motivo de encarceramento ou abuso de substâncias. Em situações de separação e divórcio, como salienta Barros (1987), na maternidade adolescente, segundo Dias, Costa e Rangel (2005) e também, na criação e educação dos netos como observa Triadó et al (2006).

Estudos antropológicos e demográficos (Barros, 1987, 2006; Alcântara, 2008; Camarano, 2006) vem sinalizando esta maior convivência no Brasil. É comum observar a participação dos avós em reuniões pedagógicas, responsabilizando-se pelo acompanhamento escolar dos netos e auxiliando professores e pais em projetos co-educacionais. Os trabalhos de Gusmão (2003), Ferrigno (2006) e Todaro (2009) salientam que o diálogo entre as gerações, promovidos em ambientes educacionais incentivam a criação de atitudes mais positivas em relação à velhice e à convivência intergeracional.

De acordo com Coutinho (2006), o senso de pertencimento e continuidade de uma criança ou adolescente à sociedade, advém da convivência intergeracional. Segundo esta visão, a violência vivida nos ambientes educacionais e na família deve-se à falta deste sentimento de pertença e do pouco diálogo entre as gerações.

A literatura disponível sugere haver uma maior convivência entre avós maternas e seus netos. As avós maternas aparecem em maior número em pesquisas realizadas entre as gerações de crianças e idosas ora auxiliando, ora substituindo os pais nas tarefas de cuidar, criar e educar os netos (Triadó et al, 2006; Oburu, 2005; Falcão e Salomão, 2005).

Outros estudos indicam que o convívio entre avós e netos é marcado pela ambivalência (Grinstead, Leder, Jensen & Bond, 2003; Lo & Liu, 2009) trazendo vantagens e desvantagens para ambos. O conhecimento sobre o assunto pelos profissionais que trabalham com a educação, como o psicólogo escolar, pode auxiliar a família, sobretudo os avós que desempenham tais tarefas, a enfrentar os desafios e conflitos inerentes às relações intergeracionais.

No início da escolarização, as crianças necessitam de atenção especial, cuidados frequentes e acompanhamento escolar. O aumento da participação das avós como co-educadores dos netos em diversas situações, seja substituindo os pais, seja auxiliando-os na tarefa de criar e educar os filhos traz algumas questões relevantes para os pesquisadores: qual o impacto deste cuidado para as avós? Como elas vem desempenhando este papel? Quais os benefícios e prejuízos que esta convivência pode gerar? Como as avós vem auxiliando os pais das crianças nas atividades escolares?

Espera-se que o presente trabalho ofereça subsídios que auxiliem a discussão envolvendo questões da escuta das avós que exercem este papel em suas famílias. A

revisão da literatura sobre a percepção das avós foi organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo traça um panorama sobre o envelhecimento dentro da perspectiva *Life Span* priorizando as relações familiares e intergeracionais na contemporaneidade. O segundo capítulo aborda a metodologia utilizada na pesquisa, análise dos dados. O terceiro insere os resultados e a discussão; por último, encontra-se as considerações finais.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Desenvolvimento Humano e Envelhecimento: Perspectivas Atuais

O século XX testemunhou o nascimento e novos avanços em variadas áreas de conhecimento. No campo da Psicologia, o estudo da criança e do idoso impulsionaram a construção de teorias na sub-área da Psicologia do Desenvolvimento Humano contribuindo para a observação, caracterização e compreensão das múltiplas trajetórias de vida, em suas semelhanças e diferenças, em suas complexidades e processos.

A compreensão dos fatores internos e externos ao indivíduo em interação com o ambiente, e portanto, o seu dinamismo, são desafios para a Psicologia. Para Mota (2005) uma melhor definição para a Psicologia do Desenvolvimento seria *o estudo, através de metodologia específica, levando em consideração o contexto sócio-histórico, das múltiplas variáveis, sejam elas cognitivas, afetivas, biológicas ou sociais, internas ou externas ao indivíduo que afetam o desenvolvimento ao longo da vida* (p. 2). Segundo Dessen e Júnior (2006) é preciso ampliar o conceito de desenvolvimento humano para “ciência” já que esta vem adotando princípios e práticas em direção a uma multidisciplinariedade, uma visão mais sistêmica do curso da vida.

Quando os cientistas ousaram investigar o que há além da infância e da adolescência, provocaram uma mudança na forma de se pensar a vida adulta, a maturidade e a velhice. Esses períodos demarcados ora pela faixa etária, ora por ritos de passagens e ou tarefas evolutivas são construções sociais de tempos históricos

diferentes. De acordo com Santos (2003) pensar a infância e a velhice socialmente, significa desconstruir mitos e preconceitos, e como num jogo de espelho reconhecer-se sujeito histórico.

Em meados de 1960, Bernice Neugarten e um grupo de pesquisadores, na Universidade de Chicago iniciavam seus estudos, a partir do *Kansas City Study*, sobre a vida adulta, a maturidade e a velhice. Neugarten, Havighurst e Tobin (1961) foram precursores em pesquisas sobre satisfação, bem-estar e qualidade de vida no envelhecimento. Esses estudos serviram de base para a construção da Gerontologia Social.

Neugarten e Weinstein (1964) foram pioneiras no estudo do papel dos avós na famílias americanas. Ao estudar pares de avós e netos esboçaram estilos de relacionamento e interação a partir da percepção dos papéis exercidos pelos idosos em suas famílias encontrando múltiplos significados. Primeiramente, os avós consideraram ser uma fonte de continuidade biológica da família; segundo, acenaram a possibilidade de exercer novos papéis, mais afetivos, junto aos netos. Terceiro, para o grupo pesquisado, tornar-se avó significaria compartilhar experiências de vida com os familiares guardando sua tradição, origem e herança.

As mudanças dos papéis e representações sociais da velhice, assim como, o seu impacto biológico, psicológico e cognitivo continuaram a ganhar destaque a partir das pesquisas de Paul Baltes desde a década de 1970 (Baltes, Schaie, & Nardi, 1971; Baltes & Willis, 1977). Neste período, junto a um grupo de pesquisadores, ele inicia os estudos sobre os processos de envelhecimento em coortes na cidade de Berlim, Alemanha. O seu esforço, a partir do grupo de pesquisa, no *Max Plank Institute* ajudou a ciência a reelaborar outros conceitos inerentes à velhice e ao envelhecimento baseado em

pressupostos e dados científicos, colaborando para a emergência do paradigma *Life Span*.

A partir da década de 1980, os dados de diversos estudos foram se consolidando produzindo agendas específicas a diversas disciplinas gerontológicas. (Baltes, Cornelius, Spiro, Nesselroade & Willis, 1980; Bengtson, Furlong & Laufer, 1983; Baltes, 1991). Temas como cognição, inteligência, padrões de envelhecimento, métodos de pesquisa em desenvolvimento e envelhecimento foram incorporados ao estudo da velhice ao longo do curso da vida constituindo princípios essenciais ao paradigma *life span*.

Na perspectiva *life span*, a ênfase recai especificamente sobre a multidirecionalidade e multidimensionalidade do desenvolvimento. Para Stauginger, Marsiske e Baltes (1995) o desenvolvimento e o envelhecimento são processos caracterizados pela ocorrência conjunta de aumento (ganhos), diminuição (perdas) e manutenção (estabilidade) da capacidade adaptativa. Isto quer dizer que, cada pessoa, de acordo com sua trajetória de vida, com os investimentos, recursos disponíveis como educação, condições sócio-econômicas e saúde, apesar das mudanças da idade, podem atravessar o envelhecimento de diversas formas. Segundo Neri (2001):

Para o paradigma psicológico de desenvolvimento ao longo da vida (*life span*) o desenvolvimento é produto da interação dialética entre determinantes genético- biológicos e socioculturais. Essa interação determina agendas de mudanças biológicas, psicológicas e sociais em parte compartilhadas, uma vez que somos parte da mesma espécie e vivemos na mesma época e lugar, em partes singulares, uma vez que cada um tem modos peculiares de vivenciar os mesmos eventos. Alguns eventos não têm época de ocorrência previsível e nem ocorrem com todas as pessoas (Neri, 2001, p.102).

Um modelo teórico atual que tenta explicar o desenvolvimento humano a partir de seu contexto complexo e dinâmico é a teoria ecológica de Urie Bronfenbrenner. A sua perspectiva sobre o desenvolvimento humano revolucionou a psicologia desde a década de 1970 ressoando até o presente. A sua idéia de desenvolvimento, ao mesmo tempo agrega conceitos tradicionais, como a teoria de campo de Kurt Lewin, no entanto rompe com os modelos que privilegiam a descontinuidade do desenvolvimento, como as estruturas fixas.

Bronfenbrenner (1996) definiu o desenvolvimento como uma mudança duradoura na maneira pela qual a pessoa percebe e lida com o seu ambiente. Em sua teoria o ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas uma dentro da outra, como um conjunto de “bonecas russas”. Esse modelo é composto por níveis compreendendo desde o ambiente imediato de interação da pessoa, quanto o contexto social ao qual está inserida e a cultura.

Os níveis de interconexão entre a pessoa, o ambiente são chamados por Bronfenbrenner (1996) de microssistema, mesossistema, exossistema, macrosistema. O tempo, o cronossistema, envolve todos os outros níveis sistematicamente. As interações imediatas da criança em sua casa, com seus cuidadores e familiares, o processo de crescimento, é chamado de microssistema. A interconexão entre os microssistemas denomina-se mesossistema, e inclui, por exemplo, as relações da criança com os colegas da classe, com a vizinhança, o bairro onde vive. O exossistema se refere aos ambientes dos quais a pessoa não participa ativamente, mas que a afeta indiretamente, como por exemplo, o trabalho dos pais, as amizades destes, a família dos colegas de classe. Já o macrosistema refere-se à organização, consistência dos sistemas inferiores, que existem no nível da cultura ou subcultura, representando crenças e ideologias.

Outro conceito fundamental da teoria ecológica do desenvolvimento é a importância concedida à transição e validade ecológica. A transição ecológica refere-se à posição da pessoa no meio ambiente ecológico e se altera conforme as exigências e mudanças de papéis. De acordo com Bronfenbrenner (1996) essas transições acontecem durante toda a vida, constituindo mudanças de papéis, circunstâncias do meio ambiente e mudanças biológicas.

A validade ecológica por sua vez refere-se à *extensão em que o meio ambiente experienciado pelos sujeitos numa investigação científica tem as propriedades supostas ou presumidas pelo investigado* (p. 24). Este tópico realça a importância das pesquisas e métodos utilizados na psicologia. Há ausência de métodos adequados que dêem conta das complexidades do contexto, das relações estabelecidas, das dinâmicas envolvidas nos processos de desenvolvimento.

O envelhecimento populacional tem características peculiares importantes para a compreensão dos papéis exercidos pelos idosos no contexto social e familiar. A mudança de perspectiva sobre o envelhecimento como um processo de evolução humana constitui um avanço científico possibilitando a construção de teorias interdisciplinares essenciais aos profissionais que trabalham em interface com a saúde e a educação.

As concepções do desenvolvimento sobre velhice e infância ajudam a refletir sobre o fenômeno do aumento das relações intergeracionais, da transmissão cultural e do papel dos avós nas famílias (Bengtson, 2001; Barros, 2006; Féres-Carneiro, 2005). Esse estudo muito interessa a outros campos do conhecimento. A violência, principalmente nas instituições familiares e educacionais tem desafiado a ciência e como ressalta Coutinho (2006) pode ser um indicativo de que os jovens não se sintam pertencentes a esta época.

1.1.1 Envelhecimento Demográfico e Longevidade

O mundo envelhece. Esse fenômeno acontece em vários países desenvolvidos e o Brasil acompanha esta tendência mundial. De acordo com Oliveira, Albuquerque e Lins (2004) a expectativa de vida, dos brasileiros, aumentou de 67 anos para 72,5 anos entre 1991 e 2007, devendo chegar a 74,8 anos em 2015, de acordo com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A novidade da velhice para os estudos antropológicos, segundo Barros (2007) acompanha o próprio movimento da descoberta da velhice por parte da sociedade.

Na cidade de Juiz de Fora (MG) não é diferente. Segundo o Anuário Estatístico de 2000 (Leite, 2001), as pessoas com mais de 60 anos de idade constituem 11,93% da população total do município, e de acordo com estimativas de projeção da população, poderão atingir 30% até 2025. Segundo Kalache (2007), o tema é destaque na Organização Mundial de Saúde, que a partir do Documento de Madrid, 2002, convocou reuniões a fim de se planejar ações mundiais e de diversas ordens para promover o envelhecimento ativo ao longo do curso da vida.

A OMS (2005) definiu o envelhecimento ativo *como processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas*. Esta instituição salienta que os países podem custear o envelhecimento se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas e programas de “envelhecimento ativo” que melhorem a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos mais velhos.

De acordo com Teixeira e Neri (2008) o termo velhice bem-sucedida engloba diversos conceitos e aspectos como: baixo risco a doenças, envolvimento ativo na vida, produção e capacidades preservadas, saúde mental positiva, percepção de satisfação com a vida, sensação de bem-estar físico, social e psicológico. Envelhecer de forma saudável compensando e minimizando as perdas requer uma construção durante toda a vida. Como ressalta Neri (2007), a percepção sobre a qualidade de vida na velhice pode ser afetada por variáveis subjetivas (nível de satisfação com a vida, percepção da saúde, qualidade do suporte social), variáveis objetivas (nível de escolaridade, nível sócio-econômico) e pelo gênero.

Segundo Simões (2007) ao longo das décadas de 1980 a 1990, o envelhecimento populacional e as suas influências no desenvolvimento social e econômico reforçaram as representações negativas sobre o envelhecimento. As políticas de proteção à velhice são atacadas em função do custo e manutenção do envelhecimento pelo Estado. De acordo com Goldani (2004) ao longo da década de 1990 a renda das famílias brasileiras com filhos pequenos deteriorou-se, com relação às famílias de idosos. Ao mesmo tempo há crescentes evidências de que os idosos aumentaram sua responsabilidade pela provisão econômica de seus filhos adultos e netos. Segundo a pesquisadora há uma “disputa etária” entre crianças e idosos quanto à distribuição de verbas sociais pelo Estado. De um lado, emerge um conflito entre as gerações, em função da desigualdade da distribuição de renda e por outro lado, a solidariedade entre as gerações, já que a família, ao contrário do Estado, tem assumido gradativamente os cuidados pelos mais velhos.

A referida autora destaca que os governos deveriam se preocupar em favorecer todas as idades promovendo a “equidade geracional”, para que não fiquem apenas as famílias com a responsabilidade de gerir os cuidados aos seus membros idosos. Há um

volume de políticas voltadas para o bem-estar do idoso em detrimento de outras faixas etárias, como a infância, a adolescência e a vida adulta.

Cabral (2009) ressalta a importância da solidariedade intergeracional para as famílias multigeracionais, onde as gerações precisam uma da outra para sobreviver diante da omissão do Estado. Ainda, segundo a autora citada, tradicionalmente as mulheres idosas estão mais propensas a receber e dar ajuda aos membros da família, são mais envolvidas no processo de intercâmbio com os filhos e em geral cuidam mais dos idosos da família.

Engler (2007) afirma que os idosos dinamizam a economia. Entre 16 e 49% dos chefes de família latino-americanos superam 60 anos de idade. A produtividade e a atividade na velhice afetam positivamente o bem-estar físico, mental, intelectual e espiritual do idoso. Este fato repercute na composição das famílias, haja vista o prolongamento da convivência entre pais e filhos, e a extensão disto para os netos. Embora a família nuclear diminua em extensão, a convivência multigeracional se verticaliza (Bengtson, 2001; Gusmão, 2003; Goldani, 2004; Triadó et al, 2006).

Há peculiaridades nas formas como mulheres e homens envelhecem. A literatura acentua o fenômeno da feminização da velhice (Camarano, 2006; Neri, 2007) marcado pelo aumento significativo no número de mulheres idosas em comparação com o número de homens que envelhecem. Embora esta sobrevivência não seja garantia de qualidade, a mulher, tem mais probabilidade que o homem, de viver mais anos.

De acordo com Oliveira (2009) o século XXI será o século das avós. Nos Estados Unidos 50% das mulheres tornam-se avós entre 43 e 50 anos de idade; na França, 80% das avós tem mais de 65 anos e 50% delas se tornarão bisavós. Na Inglaterra quase metade da população tem netos e 25% das idosas são as principais cuidadoras passando cerca de 6 horas com os netos. A autora em questão salienta ainda

que quanto mais elevado o número de filhos maior a probabilidade da mulher tornar-se avó. Camarano (2006) ressalta que o número de mulheres idosas é maior do que o de homens idosos, na faixa urbanizada. São as mulheres as tradicionais cuidadoras e as que precisam de maior cuidado. O cuidado com membros da família é responsabilidade tipicamente feminina.

Nas famílias brasileiras, como ressalta Gomes (1988, 1992) as tarefas de cuidado e criação de crianças é tipicamente atribuída às mulheres. A socialização das crianças, assim como a transmissão de valores sociais, segundo a autora citada acima, se transfere de mãe para filha. Algumas pesquisas indicam a maior participação das avós como co-educadoras dos netos (Gomes, 1994, Lopes, Neri & Park, 2005; Scott, 2006).

Oliveira (2009) ao estudar um grupo de avós, ressalta que em função das mudanças etárias, um número menor de netos relaciona-se com um número cada vez maior de avós já que, na meia idade, é crescente o número de avós. Sendo assim, é de se esperar que mais idosas acompanhem além do nascimento dos netos, o seu crescimento, a sua juventude e até mesmo a chegada dos netos à vida adulta (Triadó, 2005, Triadó et al. 2006).

Pesquisas evidenciam a importância do papel das avós em algumas situações: na maternidade adolescente (Falcão & Salomão, 2005); nas separações e divórcios (Dias, Costa & Rangel, 2005), no provimento das famílias (Camarano, Pasinato & Lemos, 2007), situações de orfandade (Oburu, 2005), na prisão de mães encarceradas e drogaditas (Engstrom, 2008), na construção de relacionamentos dialogais e afetivos (Barros, 2006).

A longevidade e o envelhecimento populacional acentuaram a convivência intergeracional principalmente entre avós e netos. Cuidar das novas gerações, segundo Erikson (1971) significa uma evolução social e psíquica. Tornar-se maduro, sábio

requer atitudes gerativas. Este conceito aproxima-se do papel que as avós tem desempenhado em suas famílias contemporâneas, o que Bengtson (1991) denominou avosidade.

Os conceitos geratividade e avosidade são significativos para a compreensão e investigação dos pactos intergeracionais estabelecidos entre as gerações. A investigação do compromisso intergeracional que as avós maternas desempenham na criação e educação dos netos, a sua participação na vida familiar, o seu posicionamento diante dos pais das crianças ainda é pouco estudado pela psicologia. Embora a literatura internacional acerca das práticas familiares na educação e criação de filhos seja relevante, poucos são os estudos, no contexto brasileiro, sobre a função desses cuidados entre as gerações.

1.1.2 Geratividade e Avosidade: uma delimitação conceitual

O estudo das gerações e suas interações são essenciais para os pesquisadores da ciência do desenvolvimento humano na medida em que constituem termômetros de mudanças sociais, e ajudam a traçar um panorama sobre tendências culturais, econômicas em função da longevidade e do envelhecimento mundial. Segundo Bengtson, Furlong e Laufer (1983) uma geração não significa apenas um grupo de pessoas com faixas etárias próximas, mas refere-se a um conjunto de existências marcadas por uma história em determinado contexto.

De acordo com Sarmiento (2005) *o conceito de geração não só nos permite distinguir o que separa e o que une, nos planos estrutural e simbólico, as crianças dos adultos, como as variações dinâmicas que nas relações entre crianças e entre crianças e adultos vai sendo historicamente produzido e elaborado* (p.367). Essas histórias

podem ser continuadas por outros que recebem a transmissão desse jeito de viver sendo perpetuamente eternizada.

Um dos autores a expandir o conceito de geração dando-lhe um cunho ao mesmo tempo psicológico e social foi Eric Erikson (1971). A resolução das crises psicossociais inerentes aos ciclos do desenvolvimento descritas por Erikson, são exemplos de tarefas evolutivas.

Por tarefas evolutivas (Havirghurst *apud* Neri, 2001) entende-se metas e desafios que as pessoas devem cumprir ao longo de sua existência para alcançar a maturidade. Em todo o curso da vida, desde a infância até a velhice, algumas atitudes, em contextos diversos, indicariam a emergência da maturidade. Socializar-se com outras crianças, colocar-se no lugar de outros, namorar, constituir família, conquistar a carreira profissional, educar os filhos, adaptar-se à velhice, aposentar-se e tornar-se avô seriam exemplos dessas tarefas pelas quais os indivíduos alcançariam níveis de maturidade e engajamento social.

Segundo Erikson (1971) o sujeito passa ao longo do processo evolutivo por diversas tarefas desenvolvimentais. O autor ressalta que *cada etapa e crise sucessivas tem uma relação especial com um dos elementos básicos da sociedade, e isso pela simples razão de que o ciclo da vida humana e as instituições do homem têm evoluído juntos* (p. 230). O teórico postula oito idades, representadas por meio de crises que a pessoa precisa atravessar para atingir o crescimento e conviver em sociedade. As etapas psicossociais são: confiança básica *versus* desconfiança, autonomia *versus* vergonha e dúvida, iniciativa *versus* culpa, indústria *versus* inferioridade, identidade *versus* confusão de papel, intimidade *versus* isolamento, geratividade *versus* estagnação, integridade do ego *versus* desesperança.

O atravessamento das crises ao longo do ciclo vital, segundo Erikson (1971) traria o desenvolvimento de competências e virtudes individuais e sociais. Essas virtudes seriam: impulso e esperança, direção e propósito, método e capacidade, devoção e fidelidade, filiação e amor, produção e cuidado, renúncia e sabedoria. Caso as crises não tenham sido atravessadas satisfatoriamente, tanto o sujeito quanto a sociedade podem sofrer suas conseqüências, pois significa que as pessoas e ou instituições que cuidam dos indivíduos não souberam transmitir o necessário para que um sujeito se torne sociável.

Erikson (1971) considera essencial o papel que as instituições, família e escola, exercem sobre a criança. Todas elas codificam a ética da sucessão gerativa ao considerar a relação do homem com a sua produção assim como sua progênie. As ações gerativas, como salienta Neri (2001) incluem três elementos: criação, (de indivíduos, coisas, ações e idéias que sirvam para perpetuar a espécie humana, no sentido biológico e sociocultural); manutenção (traduzida em cuidar, amar, ajudar, socorrer, promover, preservar, proteger, apoiar e restaurar e se aplica a indivíduos, grupos, instituições, produtos culturais e à Natureza) e oferta (envolve transmissão do que foi criado, ensino, aconselhamento, orientação, modelação e no deixar um legado pessoal), permitindo, porém o uso autônomo desses produtos pelos beneficiários.

De acordo com esse modelo, gerar, criar e cuidar dos filhos, orientar e se responsabilizar por outros seres humanos em sua formação e desenvolvimento, se ocupar do cuidado com as pessoas e com o planeta, preservar bens culturais, deixar um legado para as próximas gerações, conservar bens culturais, participar de movimentos em prol da sociedade significa agir gerativamente.

Para McAdams e Aubin (1998) geratividade é o compromisso assumido pelos adultos em orientar, educar, conduzir as novas gerações, assumidos, por exemplo, nos

papeis de pai e mãe, professor e mentor, no cuidado de si, dos outros e da sociedade. O termo avosidade (Bengtson, Furlong & Laufer, 1983) é utilizado para expressar as funções exercidas pelos avós americanos ao longo das últimas décadas nas famílias trigeracionais.

As trocas intergeracionais são objeto de estudo de sociólogos e gerontólogos desde a década de 1960. Neugarten e Weinstein (1964) definiram cinco estilos de ‘avosidade’ baseadas nas interações de mulheres idosas e seus netos. Na interação *formal*, as avós mantêm uma limite de ação bem demarcado entre eles e os pais das crianças no que se refere ao tratamento dispensado aos netos. Na relação *informal* ou *divertida*, a interação dos avós com os netos é marcada pelo companheirismo, informalidade e brincadeiras. Na relação de *aluguel*, os avós se responsabilizam pelos netos em função do trabalho dos pais. Os avós *guardiães* ou *tradicionais* são aqueles que possuem uma posição de destaque na família em função de sua autoridade; e por último, os avós *distantes*, são aqueles que vêem os netos raramente, somente em situações específicas de encontro familiar.

Vern Bengtson (1991), gerontólogo social da Universidade da Califórnia do Sul, destaca o envolvimento crescente dos avós na vida familiar americana, importante recurso para o apoio da família e estabilidade financeira. Em função das modificações demográficas na vida dos mais velhos e dos adultos, a influência dos avós aumentou.

A teoria da solidariedade intergeracional a nível macrosocial (Bengtson, Furlong & Laufer 1983; Bengtson, 2001; Bengtson, Giarrusso, Mabry, & Silvestein, 2002) descreve o fluxo de interações dos membros de famílias trigeracionais no sul da Califórnia, como resultado do *Longitudinal Study of Generations*, iniciado na década de 1960. São descritas seis dimensões de solidariedade intergeraciona: afetiva, associativa, consensual, funcional, normativa e estrutural.

A *solidariedade afetiva* (Bengtson, 2001) corresponde à forma como sentimento e valores familiares são transmitidos e vividos entre os membros; a *solidariedade associativa*, por sua vez, refere-se à frequência dos contatos entre os membros da família. Por *solidariedade consensual*, entende-se o nível de acordo e concordância entre os membros familiares sobre fatos diversos; já a *solidariedade funcional*, refere-se ao suporte material e instrumental ofertado e recebido entre os membros da família. A *solidariedade normativa*, diz respeito às expectativas em torno das obrigações filiais e parentais, assim como a importância das normas e valores familiares e por fim, a *solidariedade estrutural*, designa a oportunidade de interação intergeracional refletida na proximidade geográfica entre os membros da família.

Na esfera microsocial, Bengtson (2001) definiu cinco estilos de relacionamento familiar intergeracional: o “*tight-knit*” (malha apertada), caracterizado por alta proximidade emocional, proximidade geográfica, interação frequente e altos níveis de ajuda e suporte mútuo; o “*detached*” (imparcial), marcado pelo baixo nível de conectividade familiar; o “*sociable*” (sociável), caracterizado por alto nível de trocas funcionais; o “*intimate-but-distance*” (íntimo, mas distante), onde as trocas funcionais são poucas ou ausentes, porém existe alto nível de afinidade, que sugere um potencial de troca e suporte futuros, e o “*obligatory*” (obrigatório), caracterizado por altos níveis de interação e proximidade.

Para Goldfarb e Lopes (2006) a avosidade é uma função intimamente ligada à função materna ou paterna das quais se diferencia, mas que como aquelas, tem um papel determinante na estruturação psíquica dos sujeitos. O estudo da família e das relações de trocas entre seus membros é essencial para o entendimento dos papéis assumidos pelos avós na contemporaneidade.

A geratividade é um marco no desenvolvimento e pode coincidir com o processo do envelhecimento e o cuidado com as gerações, ou seja, na avosidade. Implica posturas, ações e comportamentos confirmando ou negando os novos papéis assumidos pelos avós no seio de suas famílias. Enquanto célula social, a família vem se modificando em função das mudanças sociais. A compreensão dessas mudanças pode gerar subsídios aos profissionais que trabalham junto à infância e a velhice.

1.2 Família e Relações Intergeracionais: novas configurações

O estudo da família é fundamental para o presente trabalho já que é nesta instituição que a criança se socializa. A instituição da família marcou a construção dos conceitos de infância e adolescência assim como a definição das funções maternas e paternas em nossa cultura.

A família possui um papel gerativo. Na família, segundo Ruschel e Castro (1998) ocorre a estruturação da dinâmica *status* e *papel*. É no grupo familiar que a criança aprende a partir dos tutores, sejam os pais, irmãos, ou avós, o sinal de pertença a uma história e sociedade, assimilando crenças, valores e padrões de comportamento essenciais para o seu crescimento, aprendizagem e amadurecimento ao longo da vida.

Scott (2006) salienta que a realidade familiar fabrica as gerações. As populações constroem suas relações de parentesco identificando gerações, cujas referências são os laços, reais ou fictícios, de consangüinidade. A interligação pai/mãe, filho/filha, estendida para avô/avó – neto/neta informa a qualidade de relações que abarcam complexos de hierarquia e autoridade, nos quais gênero e idade são a matéria-prima. A proximidade residencial entre esses atores pode legitimar o parentesco, reforçando a união inter e intrageracional.

Todavia, a instituição familiar passa por mudanças sociais. Roudinesco (2003) observa que alguns pesquisadores nomeiam esse processo de “crise da família” dizendo que esta instituição social, enquanto família ideal e nuclear – onde pai, mãe e filhos tinham um papel bem demarcado e definido, está perdendo a sua força.

O aumento demográfico da população idosa, a longevidade, a diminuição do número de filhos provocou a verticalização das famílias possibilitando a convivência de mais gerações em um mesmo ambiente e espaço (Triadó, 2005). Alguns estudos sobre família e casal (Ribeiro & Ribeiro, 1995; Féres-Carneiro, 2005; Cabral, 2009; Barros, 2006; Herédia, Casara & Cortelletti, 2007) revelam uma mudança de valores provocando a emergência de novas configurações e arranjos familiares, uma hibridização familiar, e não sua falência.

Segundo Barros (2006) as transformações nas relações de gênero, que se exprimem através do maior controle da natalidade, da inserção intensiva da mulher no mercado de trabalho e das mudanças ocorridas na esfera da sexualidade redefinem os vínculos familiares, as relações de conjugalidade e matrimônio. Destacam-se nesse sentido as famílias extensas, monoparentais e homoparentais. Haddad (2002) salienta a heterogeneidade dos arranjos familiares em nossa sociedade: *casados sem filhos, solteiros com filhos, solteiros com os filhos que moram com os pais, separados ou viúvos com filhos são alguns dos grupos familiares mais significativos encontrados na sociedade brasileira* (p.92).

Szapiro e Féres-Carneiro (2002) entrevistaram um grupo de mulheres que optaram pela “maternidade independente”. Os resultados da pesquisa indicaram que a maternidade para aquele grupo está sujeita à maior liberdade sexual, feminismo, à opção pelo trabalho, pilares dos valores individualistas modernos. O estudo de Negreiros e Féres-Carneiro (2004) aponta diferenças de gênero na família contemporânea, os

homens tem se aproximado mais dos filhos e dividido com as mulheres as tarefas educacionais.

O individualismo, valor central da ideologia moderna, segundo Rocha-Coutinho (2006) marcou a modernização da família brasileira, especialmente a partir de 1950. Surge a classe média e com ela os desejos de bem-estar na família, a valorização dos filhos e a importância de sua formação escolar.

As transformações na família nuclear consequentemente redefinem as funções nas famílias intergeracionais marcada pela presença dos avós. De acordo com Falcão e Salomão (2005) o papel dos avós na família ao longo das décadas de 1970 a 2000 sofreu consideráveis mudanças, atravessando níveis estruturais e simbólicos no grupo familiar. Segundo as autoras o termo avós pode ter muitas conotações: pessoas idosas, prescrição de um papel ou função, status social ou posição na sociedade.

Debert e Simões (2006) apontam o aumento da presença dos idosos nas famílias brasileiras que podem ser divididos em dois grupos: as famílias de idosos, em que o idoso é o chefe ou o cônjuge e as famílias com idosos, em que esses são parentes do chefe ou do cônjuge. Nos últimos 20 anos, aumentou a proporção de arranjos familiares com a presença de idosos, de 21,9% em 1980, para 24,1% em 2000; e esse crescimento se deu principalmente nas famílias de idosos, de 17,1%, em 1980, para 20,9% em 2000.

A composição desses dois tipos de família, ressaltam Debert e Simões (2006) revela algumas tendências como a formação de estruturas familiares intergeracionais, o aumento do número de mulheres vivendo sozinhas, o aumento da proporção de mulheres como chefes de família, mas famílias de idosos compostas pelas mães e suas filhas.

Segundo Cabral (2009) para os idosos as relações familiares ocupam um lugar de destaque em suas vidas. À família, de acordo com o autor, associam-se vários benefícios:

é o lugar da partilha generosa e cotidiana de labores e recursos, em benefício próprio e dos seus descendentes, acentuando-se o prolongado papel gênero das mães que é levado muito longe pelas mulheres que compõem a maioria da população idosa e que reiteram a condição de mães e avós (Cabral, 2009, p.5).

Todavia, como ressaltam Debert e Simões (2006) o funcionamento do contrato intergeracional informal nas famílias brasileiras segundo o qual os pais cuidam dos filhos e esperam serem cuidados por eles na velhice, é afetado por dificuldades econômicas mais amplas e por deficiências das políticas sociais e não pode ser compreendido apenas no âmbito das preferências e características individuais ou grupais. A co-residência pode trazer benefícios múltiplos, mas não se sabe se do ponto de vista dos idosos ou de seus filhos, esses arranjos familiares correspondem à sua vontade ou se resultam de uma solidariedade imposta.

Herédia, Casara e Cortelletti (2007) num estudo que investigou os impactos da longevidade na família multigeracional em Caxias do Sul, entrevistaram 27 famílias, cada uma contendo uma pessoa de três gerações. Ao todo, 81 pessoas foram entrevistadas, entre avós, filhos e netos. Os participantes responderam duas perguntas abertas, uma sobre os ganhos da convivência familiar multigeracional e outra sobre as perdas em relação a esta convivência. Após análise qualitativa, as autoras concluíram que há uma ambivalência na convivência, havendo ganhos e perdas. Os ganhos referem-se às manifestações de afeto, apoio, trocas intergeracionais entre avós, filhos e netos. Pontos negativos dessa convivência, referem-se ao conflito de idéias, adoecimento dos

avós, limitações e peculiaridades dos avós no âmbito familiar, divergências de opiniões e autoridade entre avós e filhos na criação dos netos.

Dias, Costa e Rangel (2005) realizaram um estudo com avós e avôs que criavam seus netos. Na primeira fase do estudo, as autoras entrevistaram 19 avós (10 mulheres e 9 homens). Na segunda fase, 62 avós (32 mulheres e 30 homens). Aos avós, na segunda fase do estudo, as pesquisadoras perguntaram sobre o motivo da criação dos netos, sobre o relacionamento entre eles e sobre as dificuldades enfrentadas pelos avós nesse empreendimento. De acordo com os resultados, os motivos que levaram esse grupo de avós a criar os netos foram: a separação dos pais, a dificuldade financeira dos filhos e a gravidez na adolescência das filhas. O sentimento experienciado pelas avós no cuidado dos netos era a obrigação e responsabilidade, enquanto que no grupo dos avôs destacou-se a felicidade em cuidar dos netos. A maior dificuldade vivida pelas avós na tarefa do cuidado era relativa às questões financeiras, e para ambos, a questão do limite.

O estudo de Barros (1987) sobre a constituição e o papel das mulheres em camadas médias urbanas confirma esse papel das avós. Os papéis variam do cuidado e apoio aos filhos em situação de separação e divórcio, do convívio intenso com os netos.

De acordo com a autora:

as várias gerações podem oferecer, ao mesmo tempo, idéias de continuidade e mudança que acabam se concretizando na figura do (a) avô (ó) enquanto elemento intermediário entre os dois momentos mais afastados da vida familiar: o passado, reelaborado nas lembranças de sua infância, o presente e o futuro, personificados pelas gerações dos filhos e netos e nos projetos e expectativas relativos a eles. (Barros, 1987, p.21)

Por outro lado, a presença dos avós na vida dos netos pode significar a integração e estabelecimento de vínculos. Segundo Barros (1987) os avós representam uma fonte de transmissão de determinados bens simbólicos, uma situação social e ao

mesmo tempo uma ordem moral. Já para os avós, o nascimento dos netos traz a lembrança da infância e do nascimento de seus próprios filhos, assim como as dificuldades e lutas deste empreendimento. A noção de completude da vida pode surgir a partir desses cuidados oferecidos.

Borges (2006) estudou o relacionamento intergeracional de seis jovens, pertencentes da classe média alta do Rio de Janeiro. Segundo a autora as mudanças sócio-culturais influenciam as relações intergeracionais. Os jovens desse estudo consideraram as diferenças intergeracionais como um elemento distanciador em relação aos seus pais e avós, porque criam dificuldades para o entendimento mútuo. Contudo, a autora observou em seus discursos, estratégias de superação das diferenças e de aproximação dos mais velhos, projetando em seus ideais de velhice os atributos da juventude e admiração àqueles adultos que se deixam influenciar pelo estilo de vida dos jovens. Para a pesquisadora, é dessa forma que os jovens estão construindo os laços que os unem às outras gerações.

Em outras situações, os avós podem assumir diretamente a responsabilidade pela criação e educação dos netos. Falcão e Salomão (2005) ao revisar estudos sobre o papel das avós na maternidade adolescente concluíram que há pelo menos três situações típicas a serem observadas nos relacionamentos avós-mães adolescentes: as avós que assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil; as avós que ficam envergonhadas com a gravidez tem pouca confiança na maturidade da adolescente, e se tornam tão restritivas que o desenvolvimento da adolescente como mãe é inibido; a adolescente que assume a responsabilidade pelo cuidado da criança, ficando as avós disponíveis apenas como fonte de apoio. Todavia, em algumas pesquisas constatou-se por parte das avós maternas a existência de conflitos na delimitação de papéis entre ser mãe e ser avó dos bebês.

Segundo Triadó (2005) as avós cuidadoras são aquelas que auxiliam na criação e educação dos netos substituindo ou ajudando intimamente os pais das crianças em atividades e funções que seriam especificamente daqueles. Nesse caso, as avós assumem as tarefas referentes a cuidados básicos, como alimentação, acompanhamento diário, monitoramento, acompanhamento escolar dos netos como se fossem os próprios pais. Há situações, na literatura, sugerindo que esse relacionamento pode trazer benefícios para ambos, avós e netos, ora prejuízos de alguma ordem também.

A tarefa de socializar as crianças e adolescentes e prepará-los para o mundo passa da família para a escola. Segundo Rossetti - Ferreira (2006), a violência desta geração em torno das instituições escolares, da família, deve-se a falta de identificação e pertença dos jovens nessa história social. Nesse sentido, tradição não se refere apenas a museu ou antiguidade, mas às origens que se atualizam nas narrativas dos mais velhos, dos que atravessaram o tempo, dos que experienciaram mais.

Muitos avós têm assumido a responsabilidade de criar e educar os netos, seja auxiliando os filhos em tarefas domésticas, seja substituindo-os na tarefa de educar e cuidar dos netos (Triador et al, 2006; Dias & Costa, 2005). Dessa forma, torna-se necessário uma reflexão sobre as práticas educativas atuais, e sua relação com o contexto das relações intergeracionais.

Como ressaltam Dessen e Júnior (2006) a compreensão da complexidade do desenvolvimento humano, cuja noção é eminentemente ecológica e sistêmica, requer a integração de diferentes áreas da psicologia e de disciplinas afins. Há escassez de estudos nacionais sobre as relações intergeracionais e de como estas relações podem influenciar positivamente a educação das crianças.

1.3 Desenvolvimento e Educação

A nova concepção de desenvolvimento ao longo do curso da vida ressalta a importância da educação como um processo que acompanha o ser humano em toda sua história evolutiva. As interações diversas em ambientes propícios inserem as pessoas num contexto de aprendizado mútuo. Linguagem, valores, comportamentos são apreendidos pelas crianças primeiramente, em seu contexto familiar. A qualidade dessa interação, na infância, irá contribuir para desenvolvimentos futuros.

Afirma Haddad (2002) que o potencial intelectual, moral, social e emocional das crianças devem ser cultivados, aprimorados e orientados pelos adultos que desempenham as funções de educação e cuidado. É também tarefa da escola, enquanto contexto de socialização, priorizar ações gerativas que fomentem a aquisição de recursos e competências não somente na infância, mas em todo ciclo vital.

Segundo Coll (2004) um conceito mais amplo de educação deve levar em conta o conjunto de atividades e práticas educativas escolares, que envolve os processos de ensino e aprendizagem e das práticas não-escolares, como as que ocorrem na família e em outros ambientes. Esta visão interage com o modelo ecológico do desenvolvimento humano, pois de acordo com Bronfenbrenner (1996) os vínculos estabelecidos entre diversos microssistemas (escola – família) influenciam o potencial de aprendizagem das pessoas que deles participam.

Gomide (2003) comenta que para cumprir o papel de agentes de socialização dos filhos, os pais utilizam-se de diversas estratégias e técnicas para orientar seus comportamentos que são denominadas práticas educativas parentais. Essas práticas poderão desenvolver na criança comportamentos pró-sociais ou anti-sociais dependendo da frequência e utilização de determinadas ações no contexto familiar. O uso de um conjunto de práticas educativas parentais define o estilo parental dos pais que educam as

crianças.

O conjunto de estratégias utilizadas pelos pais podem ser positivas e negativas. Gomide (2003) ressalta que a monitoria positiva envolve o uso adequado da atenção e da distribuição de privilégio, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto, o acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer, assim como o desenvolvimento da empatia, do senso de justiça, do trabalho, da responsabilidade, da generosidade seguido do exemplo dos pais. Todavia, a negligência, a ausência de atenção e afeto, abusos físicos ou psicológicos, ameaça, abandono ou humilhação; disciplina relaxada, punição excessiva e inconsistente e ambiente hostil são consideradas práticas educativas negativas.

Baumrind (1967) definiu três estilos parentais: autoritário, permissivo e democrático. No modelo autoritário o estilo de criação valoriza o controle e a submissão dos filhos havendo pouca demonstração de afeto. No modelo permissivo os pais são menos rigorosos, porém as noções de regras e limites estão pouco demarcadas. Já o modelo democrático enfatiza a orientação, a afetividade, o diálogo entre os pais e as crianças. O estilo de criação, o relacionamento dos pais, o ambiente familiar pode influenciar o desempenho escolar e o ajustamento emocional das crianças (Gomide, 2003; Del Prette & Del Prette, 2003, Pacheco, 2004, Del Prette & Del Prette, 2005).

Braz, Dessen e Silva (2005) realizaram um estudo sobre o ajustamento social de crianças em relação à qualidade das relações parentais e maritais em 14 famílias de classe média e baixa composta por pai, mãe e criança entre 4 e 5 anos. Um questionário sobre dados sócio-demográficos, estrutura familiar, modos de vida e divisão de tarefas domésticas foi respondido pelas mães e uma entrevista semi-estruturada foi conduzida com mães e pais, separadamente, incluindo questões sobre satisfação marital, conflito, coalizão, valores e crenças sobre casamento e educação de filhos e suas influências nas

interações genitores-criança. Os resultados indicaram que uma boa relação marital favorece o compartilhamento de tarefas domésticas e práticas de educação entre maridos e esposas e promove o desenvolvimento de sentimentos de segurança em suas crianças.

D'Avila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) pesquisaram o nível de suporte parental em crianças encaminhadas para atendimento psicológico em função de baixo desempenho escolar e entre crianças não encaminhadas. Participaram 60 crianças com idades entre 7 a 11 anos e suas mães. O suporte foi avaliado em três domínios: acadêmico, desenvolvimental e emocional. Da criança avaliou-se o nível de inteligência, o desempenho escolar e a presença de problemas de comportamento. Os resultados revelaram que: o grupo de crianças encaminhadas apresentou baixo desempenho cognitivo e mais problemas de comportamento, o suporte acadêmico não diferiu entre os grupos e as mães de crianças encaminhadas relataram menos suporte desenvolvimental e emocional, com problemas de práticas educativas e relacionamentos pais-criança conflituoso.

A educação da criança no ambiente familiar poderá contribuir para a construção de repertórios e habilidades sociais que a ajudará em tarefas posteriores, como a escolarização. Segundo Erikson (1971) uma família educa uma criança ao ser educada por ela. O desenvolvimento de competências e comportamentos pró-sociais está relacionada ao estilo de criação e educação recebidos (Del Prette & Del Prette, 2005).

A escola participa da socialização da criança e cada vez mais tem se comprometido em auxiliar a família na tarefa de educar. Segundo Pinheiro et al (2006) *a escola completa o quadro das influências mais significativas sobre o comportamento infantil e contribui de diversos modos para a formação do indivíduo por meio do*

desenvolvimento de comportamentos, habilidades e valores (p.408).

Os referidos autores desenvolveram numa escola um programa de intervenção para auxiliar pais na tarefa de educar as crianças. Participaram da intervenção 32 mães e 2 pais de crianças que apresentavam mal comportamento escolar e de crianças que eram consideradas de bom comportamento. O programa de intervenção contou com nove passos vividos em nove encontros promovidos no contexto escolar. Os resultados finais indicaram ganhos para todos os pais e o aumento do repertório de habilidades sociais gerando melhor convivência familiar assim como maior assistência aos filhos.

Del Prette e Del Prette (2009) salientam a importância das habilidades sociais como recurso promotor de relacionamentos bem-sucedidos. Para os autores:

há uma diferença entre comportamento social e habilidades sociais. Estas constituem uma classe específica de comportamentos que um indivíduo emite para completar com sucesso uma tarefa social, que pode ser cumprimentar alguém, iniciar uma conversa, entrar num grupo de amigos. Por sua vez, as habilidades sociais são comportamentos específicos exibidos em situações específicas que são julgados como competentes ou não no cumprimento da tarefa social (p.19).

As novas concepções sobre desenvolvimento e envelhecimento, a partir do paradigma *life span*, e do papel gerativo na velhice, insere a pessoa idosa no ciclo do aprendizado contínuo, da informação e da qualidade de vida. Ao assumir as responsabilidades pela criação dos netos, as avós também participam de sua vida escolar e aprendem com os netos novas visões de mundo.

Do ponto de vista gerontológico, salienta Both (2006), educar compreende também emancipar, isto é, afastar os limites e inventar novas mediações para a manifestação do desenvolvimento produzindo parâmetros de qualidade,

relacionamentos mais generosos e igualitários entre diversos grupos sociais ao longo de toda a vida.

Ferrigno (2006) ressalta a importância da aproximação entre as gerações como possibilidade de enriquecimento mútuo e diminuição do distanciamento provocado pela segregação etária. A co-educação pode ser favorecida em encontros intergeracionais como os promovidos pelos SESC/São Paulo desde 2000. Em pesquisas realizadas na instituição entre 2000 e 2003, ao avaliar o impacto dos encontros intergeracionais nos programas de lazer, literatura, música, atividades físicas promovidos pelo SESC, tanto idosos, jovens e crianças relataram benefícios e possibilidade de aprendizado mútuo ao se relacionar com pessoas de outras gerações.

A partir da referida pesquisa, Ferrigno (2006) evidenciou que o idoso transmite aos jovens a memória cultural e valores éticos educando - os para o envelhecimento. De outro lado, os idosos ao se relacionar com crianças, também seus netos, e os jovens instrutores dos programas oferecidos pelos SESC, aprendem uma educação para novas tecnologias, através do domínio, manuseio de aparelhos eletrônicos e da linguagem digital e uma educação para os novos tempos, valores e conhecimentos do mundo atual.

Oliveira (2003) afirma que os avós exercem uma prática educativa ao avaliar os acontecimentos diários e distinguir em que medida realmente modificam (ou não) o cotidiano. O estilo afetivo de criação, baseado no diálogo e na leveza das relações é o que mais se associa às avós cuidadoras (Neugarten & Weinstein, 1964; Rosenthal, 1985; Barros, 1987).

A co-educação entre as gerações é um tema recente dentro da Gerontologia Social e reflete mudanças de ordem estrutural e simbólica na concepção da criação e cuidados das crianças, assim como da transição e transmissão educativa entre os mais velhos e os mais novos.

Salienta Forquin (2003) que a educação, sendo ela concebida quer como projeto, quer como processo, está necessariamente vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. De outro lado, é evidente que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, socialização, formação, ensino e aprendizagem.

De acordo com Both (2006), a cultura transmitida entre gerações é adquirida “de igual para igual”, como algo vinculado ao dia-a-dia. O ponto principal está “na igualdade de direitos e no respeito às diferenças”. A aprendizagem ocorre quando as partes aprendem e mudam a partir “da experiência do outro”. Nesse caso há um engrandecimento entre as gerações. Há necessidade, portanto, de transformar conflito em solidariedade.

Haddad (2002) salienta que a qualidade de vida da criança não pode ser vista de forma isolada do seu contexto social por estar profundamente conectada a outras esferas de sua existência, particularmente com a qualidade de vida dos pais ou de seus responsáveis e o grau de satisfação deles em relação aos vários papéis que desempenham enquanto mulheres, homens, mães, pais, trabalhadores e cidadãos.

1.3.1 Contextualizando fatores de risco e proteção para crianças e idosos

A infância e a velhice têm sido caracterizadas a partir de novos enfoques. Um deles, aliado à ampliação do conceito de saúde, e da visão da criança como ser ativo, empreendedor, e capaz de elaborar teorias sobre si, sobre os outros e sobre o mundo (Flavell, 1999). Outro enfoque apresenta perspectivas mais positivas sobre o

envelhecimento e qualidade de vida na velhice. A criança e os idosos participam de uma teia de relações e tarefas evolutivas. Erikson (1971) ressalta a conquista da socialização, da identidade e da autonomia como essenciais para a formação do ser social, e também na velhice, o cuidado com as novas gerações, o enfrentamento do desespero como sinal de maturidade.

A psicologia escolar tem buscado pesquisar e desenvolver práticas e intervenções criativas valorizando o potencial infantil oferecendo aos mediadores (professores e família) recursos e orientações que gerem o desenvolvimento satisfatório da criança em diversas dimensões: afetiva, cognitiva e social. Nessa perspectiva, Vettore (1998) salienta a importância dos espaços de convivência entre as famílias e as crianças que podem ser mediadas por profissionais de diversas áreas. Em outras palavras, Haddad (2002) ressalta que as instituições de educação infantil devem contemplar todas as dimensões da existência humana fazendo convergir funções sociais e educacionais. Nesse sentido, a qualidade de vida na infância supõe uma visão contextualizada e integrada do contexto social não só da criança, mas dos seus responsáveis assim como da satisfação deles em relação aos vários papéis que desempenham.

A gerontologia tem contemplado a qualidade de vida como promotora da saúde física, mental, psicológica e relacional das pessoas quando chegam à velhice. O grupo sobre qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde, a WHOQOL (1994) definiu qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Chachamovich, Trenfini e Fleck (2007) acentuam a amplitude deste conceito já que há o reconhecimento das dimensões positivas (por

exemplo, funcionalidade, mobilidade) e negativas (por exemplo, sentimentos negativos, dependência de medicações) inerentes ao processo do envelhecimento.

A convivência intergeracional propicia aprendizados de diversas ordens. A diversidade dos processos de envelhecimento, como as exigências da criação, educação e cuidados de crianças em idade escolar podem interferir no nível de interação e saúde de ambos, seja de quem recebe, seja de quem pratica os cuidados em família. A promoção de bem-estar no ambiente escolar e familiar implica na mudança de postura frente às situações envolvidas na arte de criar, educar e conviver. Ao ato de “remediar” as situações conflituosas inerentes aos processos educativos, é desejável que se promova a maximização das potencialidades de jovens e crianças para o enfrentamento de situações e adversidades do cotidiano (Rodrigues, 2005).

Como ressalta Miranda (2003) quanto mais positiva a atitude do idoso em relação à velhice e quanto melhor seu estado de saúde melhor é a qualidade do relacionamento com os seus filhos. Outra conclusão é a de quanto mais semelhantes forem os valores de vida de pais e filhos, mais satisfatório será o relacionamento entre ambos. Contudo, algumas situações no ambiente familiar podem inibir o desenvolvimento infantil. Hutz (2002) definem fatores de risco como condições ou variáveis que estão associadas a uma alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis. Esses fatores podem comprometer a saúde, o bem-estar e a sociabilidade. Os fatores de risco estão associados ao desenvolvimento de distúrbios que abrangem características individuais (gênero, variáveis demográficas, habilidades, aspectos psicológicos e genéticos) e ambientais (eventos estressantes, apoio social, características familiares e culturais).

Segundo Maia e Williams (2005) negligência, violência física e psicológica,

um ambiente agressivo, onde não haja afeto e diálogo, assim como, orientação e cuidados infantis, podem prejudicar o desenvolvimento socioemocional da criança. A negligência ocorre quando se priva a criança de algo que ela necessite, quando isto é essencial para o seu desenvolvimento sadio (alimentação, vestuário, segurança, oportunidade de estudo).

Por outro lado, algumas situações podem contribuir para a promoção de saúde e bem-estar da criança no ambiente familiar. Segundo Hutz (2002) os fatores ou mecanismos protetivos referem-se às influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis. Os fatores protetivos são condições ou variáveis que diminuem a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas.

Alguns fatores de proteção podem auxiliar o desenvolvimento infantil. De acordo com Gomide (2003) o bom funcionamento familiar, a promoção dos vínculos afetivos, o apoio e o monitoramento podem ajudar crianças e adolescentes a se desenvolverem com mais competência.

De outro lado, a heterogeneidade dos processos de envelhecimento pode facilitar ou prejudicar o convívio entre idosos e crianças no contexto familiar. O grau de independência nas atividades de vida diária, o nível das interações socioemocionais, a compensação e otimização das capacidades cognitivas e o senso de ajustamento psicológico podem interferir na qualidade das interações entre avós e netos.

Segundo Neri (2007) o senso de ajustamento psicológico e o bem-estar subjetivo do idoso pode estar prejudicado em função de variáveis de risco como: pobreza, exclusão social, baixa escolaridade, baixo status ocupacional, doenças, déficits, incapacidades funcionais, inatividade e suscetibilidades ao estresse crônico. O bem-estar subjetivo do idoso associa-se ao senso de satisfação global com a vida e satisfação referente a afetos positivos e negativos estabelecidos no curso da vida.

Lo e Liu (2009) investigaram a qualidade de vida e depressão em dois grupos de avós, cuidadoras e não-cuidadoras. Foram entrevistadas 45 avós cuidadoras e 48 avós não cuidadoras na cidade de Taiwan. Não foram encontradas diferenças estatísticas entre os dois grupos de avós, porém a saúde física era pior que a saúde mental em ambos os grupos; 55,6% das avós cuidadoras relataram estresse psicológico e 86,7% dessas avós sustentavam os membros de suas famílias.

O estudo de Leder, Grinstead e Torres (2007) investigou o estado de saúde em um grupo de 42 avós cuidadoras. Os resultados indicaram altos níveis de estresse interferindo na saúde física, psicológica e social das avós. Houve uma correlação inversa entre o estresse vivido e a saúde mental e uma correlação positiva entre suporte social e saúde física. As pesquisadoras relataram ainda haver uma modesta relação entre tempo e rotina da convivência entre avós e netos e a saúde das avós. O declínio do bem-estar emocional das avós está associado à frequência e à rotina dos cuidados prestados aos netos.

Grinstead, Leder, Jensen e Bond (2003) fizeram uma revisão bibliográfica dos estudos realizados entre 1980 e 2002 sobre avós cuidadoras. Encontraram 120 artigos dos quais 46 tinham como tema a saúde das avós. Destacaram a ausência de estudos referentes à saúde das mulheres idosas após a guarda dos netos, a ausência da ajuda dos parentes das crianças às avós, à necessidade de se criar um serviço de assistência multimodal para esse grupo de avós, onde possa ser oferecido suporte, assistência legal, visitas e trabalhos sociais na comunidade. O suporte social, para as avós latino-americanas foi considerado um mediador do estresse na saúde. Um segundo mediador seriam as estratégias de *coping*, como a oração, a espiritualidade e um terceiro mediador seria a informação.

Esses resultados sugerem que dependendo da frequência e intensidade dos

cuidados, o contato entre avós e netos pode ser desprazeroso implicando conflitos e dificuldades intergeracionais. Contudo, outros estudos indicam que o contato entre avós e netos pode trazer benefícios para ambos, sendo as avós um importante recurso promotor de saúde e proteção na infância.

1.3.2 Avós Cuidadoras Maternas como Suporte Social na Infância

Diante de novas configurações familiares, mais idosos tem assumido a responsabilidade da criação dos netos e isto implica um confronto direto entre transição e transmissão educativa. Bengtson et al (2002) destaca o papel dos avós nas famílias ocidentais. Os avós fornecem suporte potencial para os membros das gerações mais jovens sendo um alicerce de estabilidade para mães adolescentes que criam filhos.

O autor ressalta ainda que mais de 4 milhões de crianças vivem com os avós em função da incapacidade dos pais de criarem os filhos (aprisionamento, drogadição, violência, perturbação psíquica) ou incapacidade de cuidar ou prover outra assistência. Rosenthal (1985) destaca as novas responsabilidades da mulher, como participação no mercado de trabalho, despreocupação com os vínculos familiares em detrimento dos casamentos, a divisão social do trabalho como precursores das relações entre avós e netos.

O crescimento do número de divórcios nas famílias ocidentais e as possibilidades de novos recasamentos dobra as chances dos avós partilharem as vidas com crianças e netos. Desde 1970, a possibilidade de um casal de separar dobrou, 40% das crianças nascidas entre 1980 – 1990 experienciaram o divórcio e/ou recasamento dos pais (Bengtson, 2001).

Em território nacional, de acordo com Lamego e Menezes (2008), para cada quatro casamentos realizados em 2007, foi registrada uma separação. É o que mostra a *Estatística do Registro Civil* divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). De acordo com o estudo, em 2007, foram realizados 916.006 casamentos no país, 2,9% a mais do que em 2006. Já o número de dissoluções - soma dos divórcios diretos sem recurso e separações - chegou a 231.329, a maior taxa na série medida pelo IBGE desde 1984. Isto sugere que em 23 anos, a taxa de divórcios teve crescimento superior a 200%, passando de 0,46%, em 1984, para 1,49%, em 2007. Em números absolutos, os divórcios concedidos passaram de 30.847, em 1984, para 179.342 em 2007. Em 2006, esse número foi de 160.848.

Segundo o estudo, no ano de 2009, em 89% dos divórcios, a responsabilidade pela guarda dos filhos ficou com a mulher. O estado com maior número absoluto de divórcios foi São Paulo (43.601), seguido por Minas (16.917) e Rio de Janeiro (11.800). Na região Nordeste, a Bahia registra o maior número de divórcios (8.721), seguida de Pernambuco (6.899) e Ceará (5.089). Isto quer dizer que as avós são importantes quando o casamento se desfaz, até um ano depois e quando há transição para novos casamentos.

Lopes, Neri e Park (2005) afirmam ainda que ter avós como membros e tutores pode ser benéfico para as crianças, sobretudo porque poderão usufruir uma sensação de pertencimento à sua família de origem, especialmente na ausência dos pais. De acordo com Santos (2003) o convívio dos velhos com as crianças é permeado por um diálogo verdadeiro que possibilita o aprendizado mútuo:

A troca de experiência pode favorecer o estabelecimento de vínculos afetivos, o reconhecimento do outro como pessoa e suas peculiaridades, possibilitando a quebra de estereótipos por

ambas as partes e facilitando o estabelecimento de interações profundas e verdadeiras (Santos, 2003, p.51).

Tornar a criança um ser social é tarefa da família, como assinala Gomes (1994). Nesse contexto, as relações intergeracionais trazem questões pertinentes para a psicologia do desenvolvimento como também para a psicologia escolar. As avós podem atuar como suporte social para as crianças em idade escolar, já que assumem, muitas vezes, papéis vinculados ao acompanhamento dos netos na escola na ausência dos pais. De acordo com Barros (1987) a casa dos avós é o espaço para a construção e a vivência das relações de amizade, cumplicidade, afeto e brincadeira.

O estudo sobre as percepções de avós e netos na Espanha por Triadó, Villar, Solé, Osuna e Céldran (2006) focalizou entrevistas com 58 díades de avós e netos adolescentes. Desta população, 37 avós correspondiam a linha familiar materna. Os pesquisadores perguntaram aos netos o que estes gostavam/não gostavam nas avós e vice-versa. As conclusões desse estudo indicaram que para os netos as avós são uma referência de cuidado, compreensão, apoio social e financeiro, e afeto. Já as avós valorizavam os netos pela motivação deles em ajudá-las, pela oportunidade de aprender mais com eles, a convivência com os netos tornava-as mais simpáticas, e pela relação de carinho e afeto estabelecida. Os fatores que os netos desaprovavam nas avós referiam-se aos hábitos e rotinas, à personalidade irritadiça, rígida e passiva das avós, assim como a aparência e aos problemas de relacionamento.

Em camadas populares, o cuidado das avós é fundamental para a formação dos netos. No universo das mães adolescentes, são as avós as primeiras a introduzir a criança no mundo das regras sociais, a ensinar limites e autoridade, e a dar e receber afeto e valores (Santos, 2003; Falcão & Salomão, 2005). Em camadas médias, as avós

cumprem diversos papéis embora saibam dos limites de sua atuação. Segundo Barros (1987) as avós ajudam os filhos e filhas, a criarem os netos de acordo com o referencial de sua geração.

Bolsoni-Silva, Del Prette, Oishi (2003) realizaram um programa de intervenção para 60 pais divididos em dois grupos. Pais de crianças com indicação de problemas escolares e pais de crianças com indicação de comportamento socialmente adequado. Em ambos os grupos 3% da amostra eram constituídas por avós. O estudo contribuiu para a elaboração de um instrumento sobre práticas educativas para os cuidadores primários. Araújo e Dias (2002) realizaram uma pesquisa sobre o apoio oferecido por avós aos netos em situação de separação e divórcio. Trinta avós que não residiam com os netos foram participantes. Dois tipos de apoio foram considerados: emocional (dar carinho, conselho, telefonar, visitar, passear, passar informações sobre a família) e o instrumental (ajudar financeiramente, alimentar, vestir, levar a escola, ajudar nas tarefas escolares). Os resultados indicaram uma preferência por parte das avós, pelas atividades do tipo emocional, notando-se um aumento, em geral, após a separação/divórcio dos filhos, nas seguintes atividades: dar conselhos, transmitir informação sobre a família, telefonar e diminuir na atividade de visitar.

Kipper e Lopes (2006) entrevistaram 11 avós maternas com idades entre 49 e 66 anos que estavam sendo avós pela primeira vez. O tema da entrevista referia-se a experiência de se tornar avós. Os dados mostraram que o ser avó é uma fonte de renovação e renascimento, possibilita que antigos conflitos sejam repensados, renovando vínculos e desejos.

Oliveira (2003) ressalta que ao mesmo tempo em que os avós educam os netos, estes educam os avós. Nesse sentido, se há uma socialização, ela se constrói na medida

em que redefine a feição dos sujeitos, física e simbolicamente, isto quer dizer que os avós e netos interagindo na vida comum vão se modificando reciprocamente.

Marongoni (2007) realizou um estudo numa escola pública e particular envolvendo adolescentes e idosos. A primeira e segunda etapa foi constituída por 74 alunos de duas turmas de oitava série, com idades entre 12 e 19 anos. A terceira etapa envolveu 9 alunos e seus respectivos avós. Encontros foram realizados com os grupos em torno de temas sobre o adolescer e o envelhecer, e outros temas como consumo, violência e participação dos avós na vida dos netos. A análise das informações construídas a partir da interação dos adolescentes com os avós estabeleceu quatro temáticas: avós como cuidadores principais e responsáveis pela co-educação dos netos; conflitos intergeracionais, realidade sociocultural contemporânea marcada pelo medo, realidade sociofamiliar dos avós marcada por dificuldades. A análise dos resultados revelou o aumento das representações positivas da velhice para os adolescentes e a compreensão por parte dos idosos do universo adolescente. A interação entre avós e netos foi benéfica para ambos no contexto escolar aumentando o nível de contato entre eles. Segundo a autora, a escola é um espaço social fértil para as reflexões sobre os significados dos processos do adolescer, envelhecer e do relacionamento entre as gerações.

Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006) ao revisar a literatura sobre a produção narrativa de crianças e adultos idosos focalizando estudos intergeracionais, situa o idoso como um interlocutor privilegiado, tendo como principal função a narrativa. Os autores citados citam programas intergeracionais em alguns países como facilitadores do desenvolvimento da criança e do idoso. Esses programas nascem no contexto norte-americano e se expandem pelo mundo. Na Inglaterra, existe o Centro de Reminiscências *Age Exchange*, no Brasil, em São Bernardo do Campo, idosos ajudam a alfabetizar ãs

crianças e em Ribeirão Preto, houve a criação do primeiro grupo de idosos contadores de história.

De acordo com os autores, a necessidade de narrar é muito presente na criança, ser em formação, e também no idoso, num processo de reavaliação de sua biografia. Nesse sentido, a interação entre crianças e idosos no contexto escolar pode favorecer a mudança da percepção de um grupo sobre o outro demonstrando a relevância das histórias para o desenvolvimento humano como um todo. Segundo as pesquisadoras, a interação entre a criança e idoso pode propiciar uma perspectiva em que seja possível a construção narrativa do mundo pela criança e a significação das experiências de uma vida pelo idoso.

Em ensaio antropológico, Gusmão (2003), salienta que *crianças e velhos são sujeitos de vivências individuais e coletivas que configuram as possibilidades de um patrimônio cultural e social, a um só tempo, particular e universal, evidenciando a natureza das sociedades em mutação* (p.27).

Portanto, a criação dos filhos e as práticas educacionais refletem as mudanças pelas quais atravessam as famílias e as pessoas na contemporaneidade. Ser velho e criança, nesse contexto histórico marcado por novas configurações familiares (Roudinesco, 2003; Férez – Carneiro, 2005); aumento no número de separações e divórcios (Barros, 1987, 2006; Bengtson, 2001); feminilização da velhice (Neri, 2001; Camarano, 2006), a inserção maciça da mulher no mercado de trabalho (Rosenthal, 1985; Falcão & Salomão, 2005) e os papéis dos avós na sociedade contemporânea (Lopes, Neri & Park, 2005) refletem a importância de se compreender o que vem contribuindo ou dificultando a promoção da saúde e o bem-estar dos idosos nos espaços de interação com seus netos.

Neste cenário, destaca-se a relação entre as avós e seus netos. Cabe às avós cuidar dos netos enquanto os filhos trabalham desempenhando tarefas instrumentais desde a alimentação das crianças, cuidados higiênicos até mesmo tarefas sociais e educativas, ensinar valores, regras e limites, participar de atividade escolar e responder diante dos educadores sobre o desempenho da criança na ausência dos pais. Em muitos casos, as avós são as únicas a estabelecer com os netos o diálogo e a interação. Alguns estudos indicam que a presença das avós pode ser percebida pelos netos como prazerosa e educativa de um lado, e conflituosa de outro, já que implica confronto de poder e autoridade e diferenças na concepção das práticas educativas dos pais (Falcão & Salomão, 2005).

O relacionamento que as avós mantêm com seus netos pode ter implicações psicológicas e educacionais para ambos. As situações de cuidados entre avós e netos geram necessidades e questões específicas. É imprescindível o conhecimento da percepção das avós cuidadoras dessas necessidades para a elaboração de intervenções e orientações eficazes que gerem frutos no contexto escolar e familiar. Diante da escassez de estudos nacionais envolvendo as trocas intergeracionais, o tema do presente trabalho assume relevância. Algumas questões motivaram o presente estudo: em que se baseiam para educar e de que referências dispõem? Que conseqüências os cuidados regulares aos netos trazem para a família e para o desempenho escolar dos netos? Quais as práticas educativas mais comumente utilizadas pelas avós diante dos netos? Como se percebem nessa tarefa já que educaram também os filhos?

O estudo das relações intergeracionais, dada a originalidade do contexto histórico atual, é de grande importância para os psicólogos e educadores. A percepção das idosas, avós cuidadoras, sobre as práticas educativas e as formas de criação dos netos, pode auxiliar na compreensão dos recursos ambientais familiares com relação à

escolaridade e ao desenvolvimento contribuindo para a implementação de estratégias preventiva, de suporte e de intervenção na escola e no contexto familiar.

Levando-se em consideração o contexto das relações intergeracionais, o papel das avós cuidadores no ambiente familiar e sua repercussão para a criação e educação dos netos, os objetivos desta pesquisa foram:

1) Verificar as concepções das avós maternas sobre educação, tarefas e práticas de cuidado, assim como o papel desempenhado no acompanhamento escolar dos netos;

2) Caracterizar o perfil de conhecimento que possuem sobre o desenvolvimento infantil, necessidades afetivas e escolares atuais dos netos;

3) Identificar as divergências, as diferenças e aproximações entre a criação e educação que foi dedicada aos próprios filhos e a criação e educação atual dedicada aos netos;

4) Conhecer as necessidades, problemas e dificuldades das avós cuidadoras em suas tarefas de educação e possíveis soluções visualizadas.

2 METODOLOGIA

2.1 Participantes

A pesquisa foi realizada em uma escola particular da cidade de Juiz de Fora. A escolha da instituição escolar para a constituição da amostra considerou critérios de conveniência da pesquisadora, assim como, a necessidade de se constituir uma amostra de avós maternas idosas e netos em idade escolar. A amostra inicial foi constituída de 70 avós maternas, cujos netos frequentavam o ensino fundamental da referida escola. Deste grupo, 10 avós, com idade igual ou superior a 60 anos, idade padrão para ser considerada idosa em países em desenvolvimento (Neri, 2001), foram selecionadas para participar da segunda etapa da pesquisa, que envolveu a realização de uma entrevista semi-estruturada.

Na primeira etapa da pesquisa, o critério de exclusão das participantes foi não ser avó materna e não ter netos no ensino fundamental. Na segunda etapa, foram selecionadas para a entrevista apenas as avós identificadas como cuidadoras, e com idade igual ou superior a 60 anos.

2.2 Instrumentos

Para atender aos requisitos éticos da pesquisa foi elaborado uma **Declaração** (Anexo 1) solicitando consentimento e autorização à direção da instituição escolar para a realização da pesquisa e o **Termo de Livre Consentimento Esclarecido** (Anexo, 2) contendo objetivos, método, finalidade e risco da pesquisa.

Um terceiro instrumento denominado **Convite para as avós maternas** (Anexo 3), continha o pedido de participação da idosa para uma reunião na instituição escolar e um canhoto destacável para que as avós indicassem a participação ou recusa ao convite.

O quarto instrumento, **Questionário de Sondagem para Avós Cuidadoras Maternas** (Anexo 4), foi elaborado pela pesquisadora a fim de identificar da amostra total de idosas, aquelas que atendiam aos critérios para avós cuidadoras, auxiliares ou distantes. O questionário foi elaborado em duas partes. A primeira referindo-se a identificação das avós e dados sócio-demográficos (nome, endereço, telefone, escolaridade, idade, estado civil, número de filhos e netos, estado atual de residência, distância geográfica, saúde percebida, e percepção do desempenho escolar do neto) e a segunda, referente à sondagem para a identificação das avós maternas cuidadoras, auxiliares ou distantes. O questionário envolveu oito questões fechadas, distribuídas em três temáticas, com apenas duas possibilidades de resposta, (sim ou não). A *primeira temática* sobre cuidados básicos continha duas questões sobre frequência de cuidados oferecidos de ordem básica (cuidar, dar banho, alimentar) e instrumental (levar e buscar o neto/a da escola). A *segunda temática* sobre acompanhamento escolar continha duas perguntas, a primeira referente ao acompanhamento escolar cotidiano e a segunda sobre o diálogo estabelecido entre avós e netos sobre o cotidiano escolar dos mesmos. A *terceira temática* versava sobre as relações intergeracionais entre avós, filhos e netos. A quinta questão referia-se ao diálogo estabelecido entre avós e filhos, ou seja, pais dos netos; a sexta, sobre os hábitos de cuidados oferecidos pelas avós aos netos; a sétima, ao contato estabelecido entre avós e netos e oitava referente a presença das avós na família durante as férias.

Sobre os *critérios para a identificação das avós cuidadoras*, as avós que responderem uma questão positiva nas duas primeiras temáticas, uma questão positiva

e três questões negativas na última temática seriam consideradas avós cuidadoras. Para serem consideradas avós auxiliares as participantes deveriam responder duas questões negativas na primeira temática, apenas uma questão positiva na segunda temática, e somente duas questões positivas na terceira temática. Para ser considerada avó distante, as participantes deveriam responder negativamente a todas as questões da primeira e segunda temática, e na terceira temática responder negativamente à quinta questão e positivamente à sexta, sétima e oitava questões.

O quinto instrumento refere-se ao **Roteiro de Entrevista** (Anexo 5). O roteiro dirigido ao sub-grupo de 10 avós maternas, identificadas como cuidadoras, aprofundaram questões envolvendo cinco temáticas relativas a: *cuidados básicos e cotidianos*, (despertar, alimentar, dar banho, vigiar, acompanhar o neto à escola, cuidar do neto quando está doente), uma pergunta (nº1); *educação e estudo* (concepções das avós sobre educação e cuidados, e diferenças nessas tarefas; participação das avós em tarefas como ajudar os netos a fazerem os deveres, controlar ou monitorar as tarefas escolares, participar de reuniões e eventos escolares; formação humana e valores transmitidos aos netos), três perguntas (nº 2,3,4); *relacionamento afetivo com os netos e sua família* (interação e diálogo, clima familiar) duas perguntas (nº 5,6); *conhecimento das necessidades das cuidadoras* (consequências dos cuidados oferecidos aos netos), uma pergunta (nº7) e a quinta parte do roteiro versava sobre as *relações intergeracionais* (percepção das avós sobre o relacionamento com os netos e os filhos, importância dos avós para as famílias, mudanças nas relações familiares a partir do envelhecimento), constando de cinco perguntas (nº 8,9,10,11,12).

Para a gravação das entrevistas foi utilizado um Mini Gravador Digital PANASONIC RR-US450 Memória flash embutida de 128 Mb.

2.3 Procedimentos

A realização deste trabalho teve início com a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob o Parecer nº 102/2010, tendo sido aprovado pelo comitê em 05/05/2010.

Após o consentimento da direção da escola, foi agendado com as professoras dos alunos de quatro turmas do Ensino Fundamental da referida instituição, um horário específico para a entrada da pesquisadora em sala de aula. Neste horário, a pesquisadora fez uma sondagem inicial junto aos alunos, perguntando quais deles possuíam avós, a fim de identificar as salas onde há maior número de alunos na posição de netos e que possuíam avós maternas.

Nesta instituição, a comunicação entre a escola e a família era realizada por intermédio da Agenda Escolar. A partir da identificação das turmas com maior número de avós maternas, as crianças dessas turmas levaram para essas avós, um convite solicitando a presença delas na escola, em dia e horário determinados pela instituição. O convite constava de um pedido de confirmação da presença da idosa nesta reunião. Esta teve como meta o esclarecimento dos objetivos, métodos, finalidade da pesquisa, seguindo-se a assinatura do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (em anexo), em duas vias, uma permanecendo com a idosa e outra com a pesquisadora.

Por intermédio dos alunos de 2º e 3º anos do ensino fundamental, foram enviados um convite para casa avó materna, que ao todo, de acordo com o número de alunos, somaram 258 convites. Desses, 83 avós enviaram resposta, algumas justificando ausência e outras confirmando a presença nas reuniões. Assim, dois encontros foram promovidos na escola entre maio e junho de 2010, onde participaram 75 avós e todas responderam ao Questionário de Sondagem para Avós Cuidadoras Maternas (em

anexo), cuja primeira parte referia-se a questões relativas a dados sócio-demográficos e a segunda parte referia-se a critérios relacionados aos cuidados oferecidos aos netos. A análise destes critérios, acompanhado do fator idade, serviram para identificação das avós idosas, categorizadas como cuidadoras. Da amostra de 75 avós que responderam ao questionário, 5 delas foram excluídas do estudo, por representarem avós paternas (duas ocorrências) e terem invalidados os questionários em função de respostas dúbias (três ocorrências). Assim, a amostra inicial da pesquisa contou com a participação de 70 avós.

Após o tratamento estatístico dos dados do Questionário pela pesquisadora, e da identificação das idosas que cumpriam os critérios para a realização da segunda etapa da pesquisa – ser idosa e cuidadora – um subgrupo de 10 avós foi convidado a continuar a segunda fase da pesquisa. As avós selecionadas, foram contactadas por telefone, e convidadas a participar da entrevista, das quais oito foram realizadas na instituição escolar e duas nas residências das idosas. Este segundo encontro, foi realizado em dia e hora estabelecidos previamente entre a idosa e a pesquisadora.

Finalizada a coleta de dados, os instrumentos foram guardados conforme as disposições legais para a pesquisa com seres humanos (5 anos). Quanto ao risco para as participantes da pesquisa, primeira e segunda etapas, este era mínimo, ou seja, o mesmo envolvido em atividades como conversar, andar ou ler. Quanto à identidade dos envolvidos na pesquisa, ressalta-se que esta foi tratada com padrões profissionais de sigilo.

2.3.1 Análise de Dados

Inicialmente os questionários de sondagem foram digitados em um banco de dados no software *Statistical Package for Social Science* (SPSS v.15), logo em seguida foram organizadas as variáveis e corrigidos os erros de digitação encontrados. A análise dos dados prosseguiu a partir da utilização das seguintes estatísticas descritivas: frequência absoluta (n); frequência relativa (%), valores de média (M), mediana (P50) e desvio padrão (DP).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo temática e estrutural. Para o procedimento de análise de conteúdo, primeiramente efetuou-se a análise vertical das entrevistas, na qual focalizaram-se os trechos significativos dos relatos de cada uma das avós participantes da segunda etapa da pesquisa, em seguida, a categorização dos mesmos. A partir deste procedimento, realizou-se a análise horizontal das entrevistas, descrevendo-se a tendência geral das participantes a respeito das temáticas em estudo (análise frequencial) (Bardin [1977] 2009). Os temas e subtemas centrais de análise acompanharam a sequência das temáticas do roteiro de entrevista já descritos anteriormente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em consonância com os objetivos da pesquisa, a apresentação dos resultados e discussão dos dados coletados seguirão a organização assinalada a seguir: *em primeiro lugar*, são apresentados e discutidos os dados referentes ao instrumento Questionário de Sondagem para Avós Cuidadoras Maternas, onde se observa o perfil sócio-demográfico (idade, estado civil, número de filhos e netos, nível de instrução, composição familiar, distância geográfica, saúde percebida, auto-percepção do desempenho escolar dos netos) das avós participantes da primeira etapa (n=70) e segunda etapa (n=10) da pesquisa; *em segundo lugar*, estão descritos o resultado da sondagem para avós cuidadoras a partir da análise dos critérios estabelecidos na ‘seção b’ do instrumento de sondagem, acompanhado do padrão de cuidados para avós idosas; e por último, seguir-se-á a apresentação e discuti-se as tendências gerais e específicas encontradas a partir da análise de conteúdo dos temas centrais e subtemas referentes às entrevistas com o subgrupo de idosas.

3.1 Perfil sócio-demográfico das avós maternas - amostra inicial

O grupo inicial de avós (n=70) foi identificado em duas categorias, considerando-se avós maduras, as mulheres com faixa etária entre 40 e 59 anos e avós idosas, às mulheres com idade igual ou superior a 60 anos (Neri, 2001; Oliveira, 2009). O perfil sócio-demográfico das avós (n=70), participantes da primeira etapa da pesquisa encontra-se descrita a seguir, na Tabela 1.

Tabela 1.

Caracterização sócio-demográfica da amostra de avós maternas (n=70)

Variáveis sócio-demográficas		Avós Maduras		Avós Idosas	
		F	%	F	%
Idade	40-49	3	20,0	-	-
	50-59	12	80,0	-	-
	60-69	-	-	47	85,5
	70-79	-	-	8	14,5
Estado civil	Com cônjuge	9	60,0	30	54,5
	Sem cônjuge	6	40,0	25	45,5
Grau de Instrução	Sem estudos	-	-	2	3,6
	Ensino fundamental	8	53,3	29	52,8
	Ensino Médio	4	26,7	13	23,6
	Superior	3	20,0	11	20,0
Proximidade geográfica	Distante	8	53,4	23	41,8
	Próximo	5	33,3	19	34,6
	Mesma moradia	2	13,3	13	23,6
Saúde Percebida	Razoável	4	26,7	12	21,8
	Boa	6	40,0	28	50,9
	Excelente	5	33,3	15	27,3
Desempenho Escolar do Neto	Razoável	1	6,7	4	7,3
	Bom	6	40,0	21	38,2
	Excelente	8	53,3	30	54,5

Conforme apresenta a referida tabela, do universo amostral, 78,5% das avós maternas eram idosas e 22,5% delas eram maduras. Destas, 80% encontravam-se numa faixa etária entre 50 e 59 anos enquanto a maioria das avós idosas, 85,5%, estavam compreendidas entre a faixa etária dos 60 – 69 anos e 14,5% entre 70-79 anos. Esses dados convergem para algumas pesquisas (Oliveira, 2009; Kipper & Lopes, 2006; Falcão & Salomão, 2005; Araújo & Dias, 2002; Camarano, 2006), as quais evidenciam a tendência das mulheres de meia idade, assim como das mulheres idosas em se tornarem avós e bisavós em função de fatores como o envelhecimento demográfico, a longevidade e a maternidade adolescente.

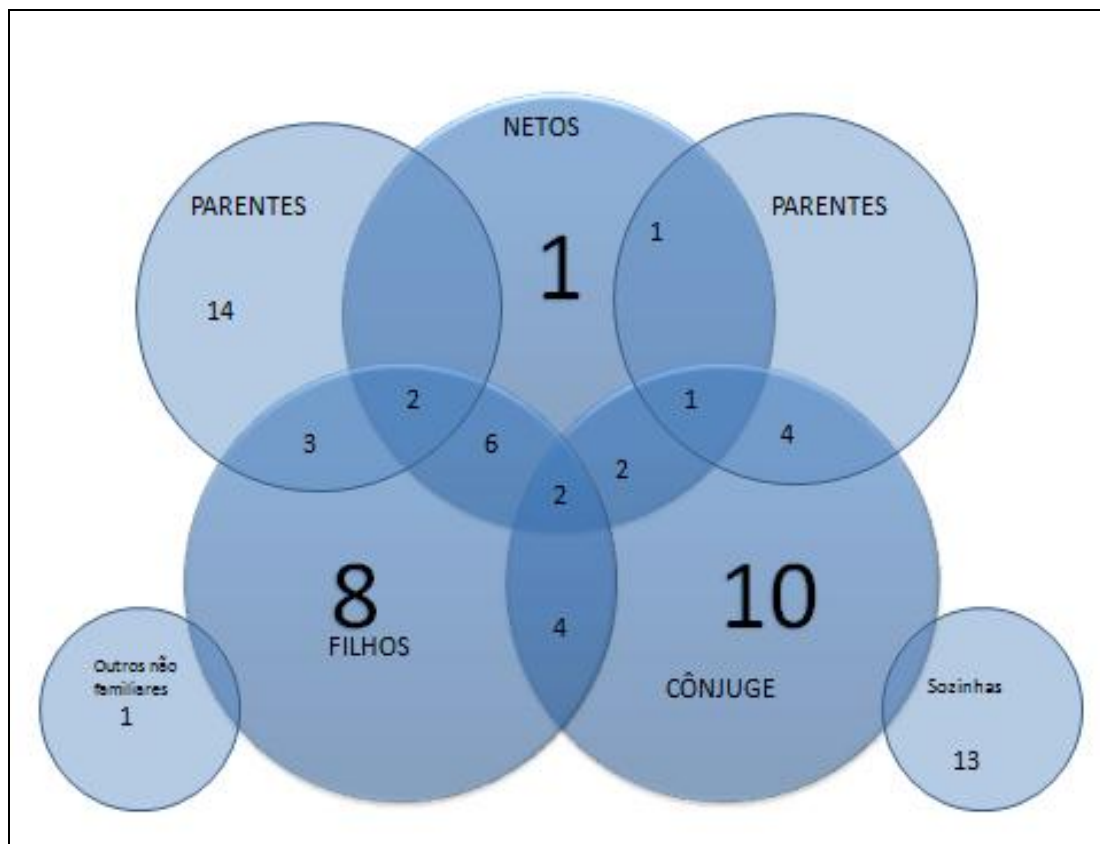
No que se refere ao estado civil, 60% das avós maduras eram casadas enquanto 54,5% das avós idosas encontravam-se em união estável. Uma pequena diferença pôde ser observada entre as avós maduras (40%) e avós idosas (45,5%) que declararam-se sem cônjuge. A média do número de filhos para a amostra total de avós foi de 3,49 (DP = 2,048) e a média para o número de netos esteve entre 4,27 (DP=3,956). Esses dados corroboram outras pesquisas que indicam a diminuição dos relacionamentos estáveis após a maturidade e a velhice, a feminização da velhice, assim como a diminuição do número de filhos observados nas transições demográficas nas últimas décadas e aumento do número de netos (Oliveira, 2009; Kalache, 2007; Camarano, 2006; Rosenthal, 1985; Bengtson et al, 1983).

As novas configurações familiares marcadas por lares intergeracionais podem ser observadas a partir do relato sobre a co-habitação das avós pesquisadas. A média do número de pessoas que residem com as avós girou em torno de 2,72 (DP= 1,623) por residência. Estes dados revelam o crescimento das famílias de idosos, com o aumento das chefias das famílias por mulheres corroborando as pesquisas que confirmam o aumento do compromisso assumido por mulheres idosas no provimento econômico e afetivo de seus filhos adultos e netos (Kalache, 2007; Camarano, 2006; Albuquerque & Lins, 2004; Goldani, 2004; Bengtson, 2001).

Outro dado relevante sobre a composição familiar, refere-se ao número de idosas morando sozinhas, que pode significar por um lado, uma velhice bem-sucedida, ativa e sem patologias (Neri, 2007; Baltes et al, 1995). A diversidade das composições familiares das avós podem ser observadas no Diagrama 1, com as frequências absolutas.

Diagrama1:

Composição Familiar das Avós Maternas



As composições familiares são diversificadas havendo co-residência das avós com a *família de origem*: cônjuge (n=10) e filhos (n=8) e a *família extensa*: parentes (n=14) e netos (n=1); netos e filhos (n=6); cônjuge e parentes (n=4); filhos e parentes (n=3). Esta diversidade confirma o fenômeno da verticalização familiar provocando a convivência multigeracional, em decorrência do envelhecimento demográfico da população e das mudanças culturais e econômicas decorridas em torno do século XX (Bengtson et al, 1983, 2002; Neri, 2006; Barros, 2006; Triadó et al, 2006).

Quanto ao grau de escolarização, avós maduras e idosas possuíam nível de instrução equivalente em relação ao ensino fundamental (53,3% e 52,8%); aproximado quanto ao ensino médio (26,7% e 23,6%). Não foi observada diferença no grau de

instrução entre avós maduras e idosas no tocante ao nível superior, 20,0% para avós maduras e 20,0% para avós idosas. Apenas uma pequena parcela das avós idosas, 3,6% declararam não possuir nenhum grau de instrução. Estes dados sugerem o maior acesso dessas coortes à educação, acesso à informação e tecnologias que podem interferir positivamente no grau de satisfação com a vida, e na otimização de perdas de diversas ordens associadas à velhice (Neri, 2007).

Em relação à distância geográfica, a maioria das avós maduras disseram morar distante dos netos, 53,4% . Esta proporção decresce para avós idosas, 41,8% . A mesma média pôde ser observada nos dois grupos quanto a morar próximo ao neto, 33,3% e 34,6% para avós maduras e idosas. Contudo, a diferença é maior entre as avós que convivem com os netos numa mesma moradia, 13,3% das avós maduras, e 23,6% das avós idosas. Estes dados sugerem que as mulheres idosas vivem mais próximas às suas famílias de origem, sendo fonte de apoio para os filhos e os netos (Engler, 2007; Triadó, 2005; Bengtson, 2001; Camarano, 2006).

Possivelmente, em função da proximidade geográfica, do nível de instrução das avós a percepção sobre o desempenho escolar dos netos seja otimizada, como revelam os dados deste tópico: 53,6% das avós maduras e 54,5% das avós idosas consideraram o desempenho escolar do neto excelente; 40% das avós maduras e 38,2% das avós idosas perceberam o desempenho escolar do neto como mediano e apenas 6,7%, das avós maduras e 7,3% das avós idosas consideraram o desempenho escolar do neto razoável.

Outro indicador de qualidade de vida e ajustamento psicológico, segundo Neri (2007) é auto- percepção da saúde. Avós maduras (40%) e idosas (50,9%) declararam estar com a saúde em perfeitas condições; indo além da média, 33,3% das avós maduras e 27,3% das avós idosas, declararam estar com a saúde em excelentes condições. Uma

pequena parcela da amostra relatou estar em condições razoáveis de saúde, 26,7% das avós maduras, e 21,8% das avós idosas.

3.1.1 Perfil socio-demográfico das avós maternas entrevistadas

A descrição seguinte refere-se ao perfil sócio-demográfico das dez avós que participaram da segunda etapa da pesquisa, avós idosas, identificadas como cuidadoras. Os resultados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Caracterização sociodemográfica das avós maternas participantes da entrevista (n=10)

Variáveis sócio-demográficas	Avós Idosas		
	F	%	
Idade	60-69	8	80,0
	70-79	2	20,0
Estado civil	Com cônjuge	3	30,0
	Sem cônjuge	7	70,0
Grau de Instrução	Sem estudos	-	-
	Ensino fundamental	5	50,0
	Ensino Médio	2	20,0
	Superior	3	30,0
Proximidade geográfica	Distante	2	20,0
	Próximo	3	30,0
	Mesma moradia	5	50,0
Saúde Percebida	Razoável	2	20,0
	Boa	4	40,0
	Excelente	4	40,0
Desempenho Escolar do Neto	Razoável	-	-
	Bom	8	80,0
	Excelente	2	20,0

A maioria das avós idosas, 80% encontravam-se na faixa etária entre 60 e 69 anos, enquanto 20% estavam compreendidas na faixa etária entre 70-79 anos. A heterogeneidade dos processos de envelhecimento pode ajudar a construir padrões de envelhecimento, patológico, normal ou bem-sucedido, embora o declínio das capacidades físicas, biológicas e cognitivas, seja crescente a partir dos 80 anos (Neri, 2007).

O estado civil corrobora os dados sobre o processo de feminização da velhice e da diminuição das uniões estáveis (Neri, 2007; Camarano, 2006) onde 70% das avós idosas declararam-se sem cônjuge, por motivos de viuvez, divórcio ou pela preferência em morar sozinhas; 30% das avós encontram-se casadas.

As avós idosas entrevistadas, no que se refere ao grau de escolarização, 50% delas freqüentaram o ensino fundamental, 20% completaram o ensino médio e 30% concluíram o ensino superior completo. A percepção dessas avós sobre o desempenho escolar dos netos é otimista e ampliada, pois 80% das idosas consideraram bom o desempenho escolar do neto, enquanto 20% declararam que este desempenho era excelente. Esta concepção pode estar associada à proximidade geográfica dos netos em idade escolar, pois 50% das avós residiam na mesma casa com os netos e 30% delas declararam morar próximo ao neto. Apenas 20% das avós entrevistadas relataram morar distante dos netos.

As avós cuidadoras encontram-se em excelente estado de saúde, pois 40% das avós declararam estar com a saúde além da média, e o mesmo percentual foi observado para o indicador de boa saúde (40%). Apenas 20% das avós disseram estar com a saúde em situação razoável. Os dados sugerem que estas avós chegam à velhice em condições favoráveis, podendo haver alguma relação com o nível de instrução, o contato familiar e

nível de ajustamento psicológico, imprescindíveis para a percepção da qualidade de vida (Cabral, 2009, Neri 2006, 2007).

3.2 Padrões de Cuidados Intergeracionais entre Avós Idosas e seus Netos

A “seção b” do Questionário de Sondagem para Avós Cuidadoras Maternas refere-se ao *padrão de cuidados* estabelecidos entre avós e netos observadas nos resultados descritos das temáticas *cuidados básicos e instrumentais* (questões 1,2), *acompanhamento escolar* (questões 3,4) e *relacionamento intergeracional* (questões 5,6,7,8) . Estes resultados podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3.

Categorização das Avós Maternas como cuidadoras, auxiliares e distantes

Avós Maduras e Idosas		F	%
Avós Maduras	Cuidadora	1	6,7
	Auxiliar	13	86,6
	Distante	1	6,7
	Total	15	100,0
Avós Idosas	Cuidadora	18	32,7
	Auxiliar	37	67,3
	Total	55	100,0

Da amostra total de 70 idosas, a partir dos critérios estabelecidos para a identificação das avós cuidadoras, auxiliares e distantes, descritos na metodologia, foram consideradas cuidadoras, 6,7% das avós maduras (n=1), auxiliares, 86,6% das avós maduras (n=13) e 6,7% foram categorizadas como distantes (n=1). Entre as avós idosas, foram consideradas cuidadoras 32,7% (n=18) e auxiliares 67,3% (n=37).

O padrão de cuidados ofertado aos netos por suas avós, descritos na metodologia, serviu de critério para a identificação das *avós cuidadoras*, que chegam a substituir os pais nas tarefas de educação e cuidado, *avós auxiliares*, que são fonte de apoio e suporte para os netos também na ausência dos pais e das *avós distantes*, que mantêm com os netos um contato intermitente somente em ocasiões favoráveis (Triadó et al, 2006; Bengtson et al, 1983). A oferta desses cuidados e ações direcionadas aos netos e filhos pelas avós idosas, podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4.

Padrão de Cuidados das Avós Idosas

Avós Idosas					
		Sim		Não	
Cuidados básicos e Instrumentais		f	%	f	%
1.	A Senhora, cotidianamente ajuda o seu neto (a) a se levantar, escovar os dentes, tomar o café da manhã, trocar a roupa ou dar banho?	18	32,7	37	67,3
2.	A Senhora, frequentemente, leva o seu neto(a) para a escola e o/a busca de volta para casa?	16	29,1	38	69,1
Acompanhamento Escolar		f	%	f	%
3.	A Senhora acompanha frequentemente a escolaridade e os deveres de casa de seus netos/as?	15	27,3	40	72,7
4.	A Senhora frequentemente conversa com seus netos (as) sobre assuntos relacionados à escola, como por exemplo, respeitar os colegas e os professores?	52	94,5	3	5,5
Relacionamento Intergeracional		f	%	f	%
5.	A Senhora costuma conversar com os seus filhos sobre o desenvolvimento escolar de seus netos (as)?	49	89,1	6	10,9
6.	A Senhora não tem o hábito de tomar conta de seus netos (as), deixando estes cuidados apenas para os pais deles.	21	38,2	33	62,8
7.	A Senhora vê os seus netos (as) apenas de vez em quando?	10	18,2	45	81,8
8.	A Senhora costuma receber e cuidar de seus netos apenas aos finais de semana e/ou férias escolares?	17	26,9	38	69,1

As avós idosas realizavam menos atividades instrumentais que exigissem esforço físico. Entre essas avós, 67,3% não realizavam atividades básicas como lavar, passar e cozinhar para os netos, enquanto 32,7% das avós realizavam esta atividade

frequentemente. A atividade de levar e buscar os netos (as) da escola era realizada por 29,1% das avós idosas enquanto 69,1% das avós não as praticavam.

Quanto ao acompanhamento escolar, 72% das avós declararam acompanhar frequentemente os netos em suas atividades escolares e 27% declararam não realizar esta atividade. As avós declararam dialogar sobre assuntos relacionados ao cotidiano escolar dos netos frequentemente (94,5%). Este dado pode estar associado à percepção positiva do desempenho escolar dos netos assinalado anteriormente e à crescente presença das avós nas escolas (Oliveira, 2009; Todaro, 2009). Na ausência dos pais, as avós vão assumindo um papel mais ativo no acompanhamento dos netos em idade escolar.

O relacionamento intergeracional entre avós e filhos pode ser observado a partir do diálogo frequente (89,1%) entre eles e suas mães. A concepção de que a responsabilidade pelos cuidados práticos e educacionais dos netos é tarefa dos filhos foi informada por 38,1% das avós, enquanto 62,8% confirmaram ser esta uma tarefa conjunta para pais e avós. Esses dados vão ao encontro da literatura evidenciando que o papel das avós nas famílias atuais não é apenas afetivo, mas gerativo e educativo (Engstrom, 2008; Kipper & Lopes, 2006; Falcão & Salomão, 2005; Bengtson et al, 2002).

A participação das avós idosas na vida cotidiana dos netos também pode ser observada a partir da frequência com que essas avós vêem os netos. Segundo as participantes, 81,8% delas vêem os netos frequentemente, enquanto apenas 18,2% declararam ver os netos de vez em quando ou em ocasiões específicas como férias e finais de semana (31,9%). A maioria das avós, 69,1% relataram ter mais contato com os netos além das férias. Em consonância com alguns estudos (Oliveira, 2009; Lopes,

Neri & Park, 2005; Engstron, 2008) a participação das avós idosas no cotidiano dos filhos e netos tende a aumentar à medida em que envelhecem sendo uma ajuda mútua entre as gerações, avós e netos se beneficiam dessa interação.

3.3. Resultados e discussão das entrevistas com o sub-grupo de participantes

Os resultados referentes à análise de conteúdo temática e frequencial das entrevistas realizadas com o sub-grupo de 10 avós cuidadoras, serão apresentados e discutidos a seguir, considerando-se a ordem das perguntas estabelecidas a partir do Roteiro de Entrevista.

Temática 1 : Cuidados básicos e cotidianos dedicados aos netos

A Tabela 5 apresenta os resultados referentes à primeira pergunta da primeira temática que buscou investigar os motivos que levaram as idosas a cuidar dos netos.

Tabela 5:

Razões do cuidado oferecido aos netos por avós cuidadoras

Questão 1:	Categorias globais	f	%	Categorias específicas	f	%
Motivos que levaram as avós a cuidar dos netos	Trabalho dos pais	4	40	-	-	-
	Separação dos pais	3	30	-	-	-
	Motivação vinculada ao amor pelos netos	2	20	-	-	-
	Maternidade da filha adolescente	1	10	Desequilíbrio mental materno	1	100,0

Como evidencia a referida tabela, o relato das idosas permitiu identificar quatro categorias globais e uma específica. A categoria global que obteve a maior concentração

de frequências (40%) no relato das avós apontou o *trabalho dos pais* como principal motivo para que elas ajudassem a cuidar dos netos. Em segundo lugar, a *separação do filhos* (30%), em terceiro lugar foi citado o *amor aos netos* (20%) e por último, a *maternidade adolescente da filha* (10%). O desequilíbrio da filha adolescente apareceu como única categoria específica aglutinada à última categoria global.

Estes dados são fundamentais para a compreensão dos novos papéis atribuídos às avós desde a década de 1980 (Bengtson et al, 1983; Rosenthal, 1985; Neri, Lopes & Park, 2005; Falcão & Salomão, 2005; Dias, Costa & Rangel, 2005). A visão romanceada dessas avós pesquisadas como meros expectadores da realidade dos netos, distantes e doentes, dá lugar a novas representações, ligadas a visões mais positivas sobre o envelhecimento e da contribuição gerativa das idosas, essenciais às gerações mais novas. O papel das idosas na família ocidental é mais ativa e funcional, assumindo diversos estilos como sugeridos por Neugarten & Weinstein (1964) em seu pioneiro estudo sobre a participação dos avós no cotidiano dos netos. É válido ressaltar que esta amostra considera-se em alto nível de saúde, idosas iniciantes no processo do envelhecimento, ou seja, idosas mais “jovens”. Para esta geração de avós, de acordo com dados antropológicos (Gomes, 1994; Santos, 2003; Barros, 2006), a importância dos cuidados passados de mãe para a filha, o valor dado à família de origem e nuclear podem estar associados ao alto nível de famílias constituídas e mantidas pelas avós dessa amostra conforme o diagrama das composições familiares. Os dados revelam ainda que o serviço gerativo prestado aos filhos e netos pelas avós, além da afinidade familiar, constitui uma necessidade em virtude das condições financeiras familiares, dos papéis assumidos pela mulher, do aumento do número de separações e divórcios, das condições socioeconômicas dos filhos como demonstram alguns estudos sobre a avosidade (Oliveira, 2009; Lo & Liu, 2009; Kipper & Lopes, 2006).

Esta nova representação das avós pode ser exemplificada nos relatos das cuidadoras: *os pais não podem estar devido à própria vida deles, trabalho que eles têm fora, então aquele espaço em que eles não estão presentes então fica mais sobre minha responsabilidade e foi isso* (Cuidadora 1). E em outro relato: *É porque a minha filha mora na minha casa, ela trabalha, (...) então eu sou responsável por isso, porque ela tem que trabalhar e eu olho ele.* (Cuidadora 7).

De um modo geral, considerando-se o conjunto de categorias derivadas do discurso das avós nessa temática, os motivos dos cuidados oferecidos aos netos, corroboram as pesquisas de Bengtson et al (1983; Bengtson & Roberts, 1991; Bengtson et al, 2002) sobre o papel solidário exercido por avós na contemporaneidade, que além de uma presença afetiva retrata as transformações da família nuclear, os impactos da longevidade e fatores contextuais envolvendo necessidades financeiras dos filhos e netos.

Temática 2: Educação, Desenvolvimento e Escolaridade dos Netos

A Temática 2 envolveu três perguntas: *diferenças percebidas pelas avós entre educar e cuidar dos netos*, identificada na Tabela 6; *a percepção da avó sobre o desenvolvimento do neto*, apresentada na Tabela 7 e por fim, *o acompanhamento da escolaridade do neto*, como ressalta a Tabela 8.

De acordo com os objetivos da pesquisa, relacionados ao conhecimento da concepção de educação das avós cuidadoras, a primeira tabela dessa temática (Tabela

6) destaca os resultados para as *diferenças entre educar e cuidar dos netos em idade escolar*.

Tabela 6:

Diferença entre educar e cuidar dos netos

Questão 2:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	f	%
Diferenças percebidas pelas avós entre educar e cuidar dos netos	Há diferença entre educar e cuidar	8	80	Concepção restritiva: função das avós não é educar, mas cuidar dos netos/ educar é tarefa dos pais	7	53,8
	Não existe diferença entre educar e cuidar	2	20	Concepção ampliada: função da avó é educar e cuidar/ noção de educação vinculada à formação integral, obediência e respeito	6	46,2

Conforme a referida tabela, os relatos das idosas foram agrupados em duas categorias globais e duas categorias específicas. A categoria global de maior frequência (80%) revelou que as avós admitem *haver diferença entre educar e cuidar* dos netos. A outra categoria global mostrou que 20% das avós consideram *não existir diferença entre educar e cuidar*. Esses dados revelam que as avós concebem as tarefas de educar e cuidar em graus diversificados, havendo um limite para a sua atuação com o neto. Esta tendência pode ser observada na frequência (53,8%) da categoria específica que indica uma *concepção restritiva* das tarefas que envolvem o cuidado e criação dos netos, refletindo a idéia de que *a função das avós não é educar, mas cuidar dos netos, pois a tarefa de educar é dos pais*.

A verificação das concepções sobre a educação e cuidado dessas avós maternas corrobora os dados de alguns estudos (Bengtson & Roberts, 1991; Gomes, 1994; Engstrom, 2008; Triadó et al, 2006) sobre o fato de haver um limite de atuação nas estratégias e recursos utilizados por avós em relação aos pais. Este tipo de atuação pode estar influenciado pela forma com que essas mulheres vivenciaram a maternidade e a vivência na família de origem onde os papéis de pai, mãe e filhos eram um pouco mais

demarcados. Esses dados convergem com o estudo de Bengtson et al (2002) na medida em que podem estar refletindo o tipo de interação consensual demarcado por atuações de caráter mais funcional. Os dados dos padrões de cuidados corroboram esses resultados já que 81,1% dessas avós declararam manter contato com os netos não somente nas férias e finais semanas e 69,1% disseram ter o hábito de ajudar os filhos no cuidado dos netos.

O discurso da cuidadora a seguir descreve essa tendência: *a minha função não é educá-las, porque eu acho que isso é um papel dos pais, eu apenas procuro continuar a meta que eles traçaram nessa parte. Eu ajudo. (...) Criar você cria um animal, cria tudo, educar é diferente e essa função é dos pais.* (Cuidadora 1).

A maior frequência nas categorias globais e na concepção restritiva das tarefas de educar e cuidar convergem para algumas pesquisas que apontam de um lado a maior participação das avós como co-educadoras dos netos, mesmo que restritivamente (Gomes, 1994, Lopes, Neri & Park, 2005; Scott, 2006). Para essa amostra onde a maioria das avós disseram morar próximo ou na mesma casa que os netos, a concepção restritiva quanto à tarefa educativa é preocupante. É um dado significativo, já que para essa amostra o contato entre pais e filhos mostra-se insatisfatório em função dos motivos elencados na primeira pergunta. Do ponto de vista psicológico, a criança na faixa etária entre 7 e 10 anos, necessita de uma referência familiar autoritativa para que o seu desenvolvimento futuro não seja comprometido (Gomide, 2003). Se as crianças não estão sendo acompanhadas pelos pais e a extensão desses cuidados pelas cuidadoras é secundário, mesmo para este grupo de avós que declarou morar próximo ou na mesma casa que os netos, os mesmos podem estar ficando com um nível de atenção educacional insatisfatório.

A Tabela 7 apresenta os resultados da análise envolvendo a pergunta sobre o *desenvolvimento saudável dos netos*. Um dos objetivos dessa pesquisa refere-se ao conhecimento das avós sobre as necessidades escolares dos netos e o conhecimento do desenvolvimento infantil.

Tabela 7:

Desenvolvimento saudável dos netos

Questão 3:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
O neto vem se desenvolvendo de uma forma saudável	Desenvolvimento saudável do neto	4	40	São netos saudáveis em todos os aspectos	4	40,0
	Apresenta dificuldades no desenvolvimento			Necessidade de maior atenção quanto ao acompanhamento escolar	2	20,0
				Neto necessita de atenção quanto à nutrição e alimentação	1	10,0
				Neto saudável, mas carente por ser filho único	1	10,0
				Apresenta dificuldades escolares/ problemas de fala e repetência	1	10,0
				Stress do neto em função da desestruturação familiar/ separação dos pais	1	10,0

Como evidencia a tabela 7, duas categorias globais e seis categorias específicas foram delimitadas a partir do discurso das participantes. Das avós cuidadoras, 40% consideraram o *desenvolvimento do neto saudável*, discurso complementado pela categoria específica *em todos os aspectos*. No entanto, 60% das avós relataram que o desenvolvimento dos netos apresenta dificuldades. As cinco categorias específicas detalham esta concepção: ‘necessidade de atenção ao acompanhamento escolar’ com duas ocorrências, ‘necessidade de atenção à nutrição e alimentação’, ‘carência por ser filho único’, ‘problemas de fala e repetência’ e ‘estresse do neto em função da separação dos pais’, todas evidenciando uma ocorrência.

A maioria das avós concorda que o desenvolvimento saudável na infância depende de alguns fatores elencados nas categorias específicas, atenção às necessidades físicas como nutrição e alimentação, a cuidados práticos como supervisão e monitoria

nas atividades escolares, e atenção à dimensão socioemocional e cognitiva, fatores de proteção para o neto conforme evidenciam o estudo de Hutz (2002) e Gomide (2003). Essa preocupação pode ser observada no discurso das cuidadoras: *Não, tudo bem, tudo saudável, ele só é uma pessoa assim, muito agitado, mas eu acho que é porque ele não tem irmão, ele não tem ninguém, ele é sozinho(...) ele fica assim, meio carente.* (Cuidadora 2). Outra cuidadora expressa: *Eu sinto que ele (o neto) tá bem, causa de que ele é uma criança que não adoece à toa, (...) Só não gosta de se alimentar direito, aí o aborrecimento é do avô, da avó, é do pai, é da mãe* (Cuidadora 5).

Segundo Maia e Williams (2005), a falta de referência parental e de monitoria escolar, a negligência dos pais, é prejudicial ao desenvolvimento saudável dos netos em diversos aspectos. De acordo com os dados do questionário de sondagem, quase 73% das avós cuidadoras relataram não acompanhar a escolaridade dos netos, embora o nível de diálogo entre avós e netos ultrapasse 94%. Isto pode estar relacionado também à exigência educacional associada ao nível de instrução das avós aonde a maioria delas cursou o ensino fundamental (50%).

A Tabela 8, apresenta os dados referentes ao acompanhamento da escolaridade do neto pela avó cuidadora.

Tabela 8:

Acompanhamento da escolaridade dos netos

Questão 4:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
Acompanhamento da escolaridade do neto pela avó cuidadora	Acompanhamento efetivo da escolaridade do neto	5	50	Avó alega participação ativa no acompanhamento escolar do neto em casa e na escola/	4	33,4
				Avó investe no enriquecimento da escolaridade do neto/ compra de livros e filmes educativos	1	8,3
	Acompanhamento secundário da escolaridade do neto	5	50	Alegação de que tem outras atividades domésticas	3	25,0
				Concepção de que esta atividade é tarefa dos filhos	2	16,7
				Alegação de que é uma tarefa exigente fisicamente e ocupa muito tempo	1	8,3
				Alega ser secundária por não ter instrução escolar compatível com a do neto	1	8,3

Essa questão derivou duas categorias globais e seis específicas. Houve um equilíbrio dos discursos considerando a categoria global *acompanhamento efetivo da escolaridade do neto*, (50% das ocorrências) e para o *acompanhamento secundário* (também 50%). Na primeira categoria, as categorias específicas revelam a *participação ativa da avó na escolaridade do neto em casa e na escola* (f=4) e o *investimento da avó no enriquecimento da escolaridade do neto* (f=1). Na segunda tendência as categorias específicas sinalizaram a participação passiva na educação dos netos em função da ocupação com os *afazeres domésticos* (f=3), da *concepção de que esta tarefa é responsabilidade dos filhos* (f=2); das *exigências físicas relacionadas a este tipo de cuidado* (f=1) e da *alegação de que este acompanhamento exige da idosa um conhecimento que vai além do seu nível de instrução* (f=1).

Os resultados convergem para os dados relatados sobre a escolaridade das avós nessa amostra. As avós que possuem nível de escolaridade maior tenderam a acompanhar e supervisionar os netos em suas tarefas escolares. Esse tipo de supervisão, segundo alguns autores (Braz, Dessen & Silva, 2005, Rodrigues, 2005, D'Avila-Bacarji,

Marturano & Elias, 2005; Salvador, 2007; Marangoni, 2007) contribui para o avanço escolar dos netos. Os resultados das frequências específicas aglutinadas à segunda categoria global corroboram os estudos indicando que a rotina e intensidade dos cuidados oferecidos aos netos são fatores de risco para a saúde física e cognitiva das avós (Leder, Grinstead & Torres, 2002; Grinstead et al, 2003; Lopes, Neri & Park, 2005). Outro fato importante refere-se à concepção desse grupo de avós que concebe o acompanhamento da escolaridade como função exclusiva dos pais. O fragmento do discurso da Cuidadora 2 expressa esta concepção: *os deveres de casa dele é com a professora, a outra lá, a particular, e a escola dele é a mãe dele que chega de noite e corrige tudo(...) então eu não participo dessa parte não (...) é muito cansativa(...) eu ando o dia todo. É difícil para mim.*

Temática 3. Relacionamento das avós cuidadoras com os netos

A temática relacionamento das avós cuidadoras com os netos foi caracterizada em duas questões: *como é o relacionamento da avó cuidadora com o neto e se a avó cuidadora costuma dialogar com o neto sobre o dia-a-dia dele na família e na escola* (Tabelas 9 e 10, respectivamente).

Tabela 9:

Relacionamento das avós cuidadoras com os netos

Questão 5:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
Como é o relacionamento da avó cuidadora com o neto	Relacionamento afetivo e amoroso	8	80	Expressão de que é baseado no amor, na ludicidade e na cumplicidade	9	75,0
	Relacionamento conflituoso	2	20	Dificuldade: não consegue impor limites /exercer autoridade	2	16,7
				Dificuldade: não consegue acompanhar as brincadeiras/ exigência física	1	8,3

Conforme mostra a Tabela 9, em relação à pergunta envolvendo o relacionamento com o neto (a), o discurso das entrevistadas permitiu derivar duas categorias globais e três categorias específicas. 80% das avós cuidadoras mantêm um estilo de *relacionamento afetivo e amoroso* com os netos, nove idosas (75%) opinam que constitui uma *expressão de que é baseado no amor, na ludicidade e na cumplicidade*. 20% das idosas revelam ter *relacionamento conflituoso*, detalhadas por ‘dificuldade em impor limites e exercer autoridade’ (f=2) e ‘dificuldade em acompanhar as brincadeiras/exigência física’ (f=1).

Do ponto de vista psicológico, esses dados divergem de algumas pesquisas que apontam ambivalências e prejuízos para avós e netos em função da intensidade e rotina dos cuidados prestados, da falta de limites dos netos e do conflito de autoridade vivenciado entre eles (Lopes, Neri & Park, 2005; Araújo & Dias, 2002; Dias, Costa & Rangel, 2005). Alguns estudos antropológicos destacam o estilo afetivo e amoroso das avós como principal fator de relacionamento positivo com os netos sinalizando ganhos de ordem pessoal às mulheres (Gusmão, 2003; Santos, 2003; Coutinho, 2006; Barros, 2006).

Alguns trechos dos relatos das idosas cuidadoras exemplificam esta tendência: *Nossa, é dez! eu acho que é um relacionamento muito bom porque é um relacionamento de amor sem aquela (...) responsabilidade que a gente tem de educar, porque essa função eu já fiz com a mãe delas (...) eu acho que avó é uma figura mágica.* (Cuidadora 1); *Sem falsa modéstia, a gente lida tão bem embora a diferença brutal de idade, é uma menina muito doce, a gente não precisa ficar chamando atenção, a gente explica para ela as coisas, ela entende e fala as coisas, a nossa relação é boa, porque ela entende, ela gosta muito de mim e eu não tenho como não gostar dela* (Cuidadora 8).

Como dito anteriormente, A Tabela 10 apresenta os resultados da análise referente à pergunta envolvendo *o diálogo entre avós e netos*.

Tabela 10:

Diálogo entre avós e netos

Questão 6:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
	A avó cuidadora costuma dialogar com o neto sobre o dia-a-dia escolar e familiar	Diálogo frequente	10	100	Assuntos relacionados à escola e a família/ respeitar os pais, os professores e os colegas	10
				Diálogo frequente, mas superficial	4	26,8
				Diálogo espontâneo: proporciona liberdade para trocar idéias	1	6,6

Todas as avós informam que mantém um diálogo freqüente com seus netos (as). As categorias específicas revelam que esse diálogo refere-se predominantemente a *assuntos relacionados à escola e a família/ respeitar os pais, os professores e os colegas* registrado pelas informações de 66,6% das idosas (f=10); à emergência de *diálogo frequente, mas superficial* mencionado por quatro idosas (26,8%), e à presença do *diálogo espontâneo: que proporciona liberdade para trocar idéias*, para uma idosa.

A alta freqüência de diálogo nessa amostra é observada não somente no discurso das avós entrevistadas, mas também nos dados objetivos do questionário, primeiro em função da declaração de que as avós mantêm um contato freqüente com os netos e segundo, por morarem próximos ou na mesma casa que eles. Esse dado é convergente com alguns estudos antropológicos os quais discutem que a aproximação entre as gerações favorece a emergência de diálogos igualitários, onde o aprendizado mútuo é o benefício principal dos interlocutores, sejam crianças, sejam idosos (Gusmão, 2003, Santos, 2003, Miranda, 2003, Forquin, 2006, Ferrigno, 2006, Cabral, 2009).

Os seguintes discursos apontam esta tendência: *Na família eu acompanho tudo, tudo assim, ali pertinho, né, na escola eu pergunto, como foi o dia, o que que teve, se,*

como é que foi o relacionamento dela, ela conversa direitinho, mas não é tudo que ela gosta de comentar não, tem coisa, sabe que ela é, por exemplo, quando ela briga com alguém ela não gosta de contar não. (Cuidadora, 6); outra cuidadora ressalta: Ah, sim, eu pergunto, falo com ele, eu quero que você respeite a sua professora e os seus amigos, eu converso com ele, 'você tem que continuar bonzinho, você é um menino legal'. (Cuidadora 7).

O estilo afetivo das avós é corroborado nas pesquisas que indicam que principalmente na ausência dos pais e em situações de separação e divórcio, as avós tendem a dialogar mais com os netos tornando-se fonte de segurança e apoio emocional (Kipper & Lopes, 2006; Lopes, Neri & Park, 2005; Araújo & Dias, 2002). Vale ressaltar que esses foram os motivos de maior frequência associados à primeira temática do estudo.

Temática 4. Necessidade das avós frente às práticas educativas

Esta temática foi investigada por meio de uma pergunta sobre as conseqüências dos cuidado diário do neto para a avó. A Tabela 11 evidencia que derivaram dos relatos três categorias globais e as três categorias específicas.

Tabela 11:

Necessidade das avós frente às práticas educativas

Questão 7:	Categorias globais		Categorias específicas		F	%
	F	%	F	%		
O cuidado diário do neto traz alguma conseqüência para a avó cuidadora.	Benefícios percebidos	5	50	Concepção de que proporciona bem-estar pessoal e familiar/ senso de utilidade/ ludicidade	6	54,5
	Prejuízos percebidos	2	20	Dificuldades: cumprimento da carga horária exigente e cansativa	2	18,1
	Ambos	3	30	Alegação de bem-estar pessoal, mas dificuldade para impor limites ao neto	2	18,1
				Alegação de bem-estar pessoal, mas cansaço físico pela rotina exigente	1	9,3

Metade das participantes informam *benefícios percebidos* (50% das avós cuidadoras), duas opiniões restringiram-se a *prejuízos percebidos* e três avós cuidadoras relatam *ambos*, ou seja que percebem conseqüências positivas e negativas dos cuidados prestados ao neto. Quanto aos benefícios percebidos, destaca-se que 54,5% (ou seja, seis avós cuidadoras) admitem que os cuidados dos netos trazem maiores benefícios em função de *proporcionar bem-estar pessoal e familiar e senso de utilidade/ludicidade*. A percepção dos prejuízos causados pelos cuidados, envolve a concepção complementar que origina *dificuldade do cumprimento da carga horária em função de ser exigente e cansativa*, opinião de duas avós, a *alegação de bem-estar pessoal, mas cansaço físico pela rotina exigente*, por 9,3% da amostra.

As pesquisas sobre qualidade de vida e saúde de avós cuidadoras indicam que a rotina e a intensidade dos cuidados prestados principalmente em situações onde a avó tem a guarda efetiva dos netos, com o decorrer da idade pode ser um fator de risco para a saúde física e psíquica da idosa que tende a ficar mais estressada e sujeita a maiores desgastes físicos em função dos conflitos intergeracionais e das exigências inerentes as tarefas educativas que envolvem o exercício do limite e da autoridade (Leder et al, 2003; Leder, Grinstead & Torres, 2009; Triadó et al, 2006; Lopes, Neri & Park, 2005, Oliveira, 2009). Contudo, contradizendo a literatura, as avós dessa amostra, consideram-se mais saudáveis, dialogam mais com os netos e declaram nível de satisfação pessoal maior, mesmo quando a percepção das conseqüências dos cuidados oferecidos aos netos é desfavorável. De outro lado, o padrão de cuidados desta amostra revela que um número alto de idosas (67%) não costumam realizar atividades que exigem empenho físico como buscar e trazer os netos da escola e desempenhar funções básicas de cuidado (69%). É possível considerar que esse dado configura, em parte, um

fator protetivo para a saúde das idosas, associando-se ao mesmo tempo à maior percepção de benefícios que prejuízos nos cuidados oferecidos aos netos.

Alguns trechos do discurso das avós retratam esta tendência: *traz benefício, sim, pra minha casa, (...) ela traz uma vida nova para casa, com as conversas, com as brincadeiras* (Cuidadora 8); em outro discurso: *Não, dificuldade não, é normal. (...) É assim, tem que mandar escovar dente, tem que mandar pentear cabelo sabe, tem que mandar tomar banho, essas coisas normais de criança que às vezes não quer fazer* (Cuidadora 6).

Temática 5. Relações Intergeracionais entre avós, filhos e netos

As cinco perguntas finais referentes às relações intergeracionais estão apresentadas nas Tabelas 12, 13, 14, 15 e 16.

Tabela 12:

Importância das avós para as famílias

Questão 8:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
Importância das avós para as famílias atualmente	Muito importante	10	100	Justificativa de que representa suporte prático para os filhos e afetivo para os netos	9	81,8
				Fator de proteção e segurança para os netos	1	9,1
				Personificam o resgate da convivência familiar/ continuidade da noção de família	1	9,1

A Tabela 12 que apresenta os dados referentes à importância das avós para as famílias atuais revela que todas as avós cuidadoras consideram ser *muito importante*. Três categorias específicas complementam essa opinião: para a maioria das entrevistadas (81,8%) as avós representam um *suporte prático para os filhos e afetivo para os netos*; para uma cuidadora constitui um *fator de proteção e segurança para os*

netos, e para outra idosa, as avós personificam o resgate da convivência familiar/continuidade da noção de família.

Esses dados convergem com as pesquisas que indicam ser as avós um suporte de várias ordens para os filhos e netos na contemporaneidade (Rosenthal, 1985; Bengtson et al, 2002; Araújo & Dias, 2002). A alta proximidade geográfica nessa amostra e a composição familiar podem ser fatores protetivos tanto para netos quanto para avós. Do ponto de vista antropológico, de acordo com as pesquisas de Ferrigno (2006), Forquin (2003), Gusmão (2003) os avós podem desempenhar uma tarefa gerativa. As trocas e interações entre idosos e crianças podem contribuir para o enriquecimento mútuo, pois de um lado, as crianças, ao relatar e contextualizar suas experiências e curiosidades para as avós, automaticamente as inserem no contexto das novidades culturais e tecnológicas existentes, e de outro lado, o contato afetivo das avós com os netos, o relato de suas experiências, ajudaria a resgatar o senso de pertencimento e o sentido de continuidade familiar para as crianças. As pesquisas de Gomes (1992, 1994) e Barros (1987, 2006) ressaltam ainda o fator cultural da criação dos filhos e dos netos no contexto das famílias latinas, onde as filhas tendem a contar com a ajuda das mães quando estas necessitam se ausentar.

Como salienta a Cuidadora 4: *os avós assim tem dado muita atenção pros netos, porque vê também as dificuldades dos pais, (...) quando não estão separados, mas estão trabalhando, né, então depende muito dos avós, então a avó tem que dar bastante atenção pros netos, eu tenho treze, eu ligo pra todos, eu amo todos os meus netos, não tem distinção não, pra mim todos são amados do mesmo jeito.* E a Cuidadora 1: *Avó atualmente eu acho fundamental. Uma porcentagem, de noventa por cento das famílias hoje, os pais trabalham fora, as mães, a carga horária delas é muito pesada (...)então cabe eu acho, que as avós nessa hora com disponibilidade de tentar ajudar*

primeiro nessa parte, então dar aos filhos, a condição deles poderem seguir a carreira deles, se firmarem e dar um apoio, um suporte, é importantíssimo também para os netos nesse ponto também de amor, de carinho, de aconchego.

A Tabela 13 apresenta os resultados da análise referente à pergunta que trata das relações familiares intergeracionais.

Tabela 13:

Relações familiares Intergeracionais

Questão 9:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
Caracterização das relações familiares entre avós, filhos e netos pela avó cuidadora	Relação distanciada entre as gerações	7	70	O ritmo de trabalho e/ou separação distanciam os filhos da convivência familiar e escolar dos netos	7	68,2
				Concepção de que as leis de proteção ao menor desautorizam os cuidadores	1	8,6
	Relacionamento intergeracional próximo	2	20	Marcado por interações de afinidade, liberdade e tolerância	2	16,6
	Relações intergeracionais solidárias	1	10	Representado pela colaboração financeira e afetiva dos avós com os filhos na criação dos netos	2	16,6

As respostas a essa pergunta indicou três categorias globais e quatro categorias específicas. A primeira categoria global, de maior frequência no discurso das avós refere-se à *relação distanciada entre as gerações*, expressada por 70% das avós; em segundo lugar, aparece a categoria global *relacionamento intergeracional próximo*, vislumbrado por 20% das avós e por último, a categoria global descrita como *relações intergeracionais solidárias*, expressão de 10% das avós. Quanto à relação distanciada, 68,2% das cuidadoras informam que *o ritmo de trabalho e/ou separação distanciam os filhos da convivência familiar e escolar dos netos*; e para uma idosa, o distanciamento intergeracional se amplia em função da *concepção de que as leis de proteção ao menor desautorizam os cuidadores*. No que tange à proximidade das relações intergeracionais delimita-se que as relações intergeracionais são *marcadas por interações de afinidade, liberdade e tolerância*, opinião de 16,6% das avós. Quanto a categoria global relações

intergeracionais solidárias, também uma categoria específica representada pela frequência de 16,6% das avós destacou *a colaboração financeira e afetiva dos avós com os filhos na criação dos netos*. É possível considerar que essas tendências estão diretamente associadas aos motivos que sustentam na contemporaneidade a relação entre avós e netos em conformidade à primeira temática abordada. De acordo com vários autores, mencionados na introdução do presente trabalho (Araújo & Dias, 2006; Engstrom, 2008, Oliveria, 2009), pais e filhos se distanciam em função do trabalho e do aumento das separações e divórcios acarretando a aproximação entre avós e netos possibilitando provimentos, um relacionamento afetivo e companheiro, como ressalta algumas pesquisas. Os dados aqui apresentados convergem com a literatura ao evidenciar as modificações contemporâneas que afetam as relações familiares promovendo novas configurações e modificando-as em sua estrutura, mais verticalizada em função da convivência multigeracional (Bengtson & Roberts, 1991; Goldani, 2004, Debert, 1999, 2006, Camarano, 2006, Triadó et al, 2006).

O trecho a seguir exemplifica tendência apontada: *Bom, os pais tem pouco tempo pros filhos, muito pouco tempo, então, quando eles tem um avô por perto, uma avó por perto, eles se sentem mais amparados do que aqueles que ficam criados pela empregada, (...) as crianças se sentem mais carinhosas* (Cuidadora 6).

A Tabela 14 apresenta a categorização do discurso das cuidadoras referentes à pergunta que trata das *mudanças dos padrões de educação entre as gerações*.

Tabela 14:

Mudanças intergeracionais no padrão de educação

Questão 10:	Categorias globais		Categorias específicas			
	F	%	F	%		
Da educação dos filhos para a educação dos netos, quais as mudanças percebidas pela avó cuidadora	Mudanças no padrão das práticas educativas	9	90	Representado pela diminuição do rigor e autoridade dos filhos sobre os netos	5	45,4
				Concepção de maior abertura, liberdade e tolerância nas famílias	3	27,2
				Concepção de que é preciso atualização para progredir junto com o neto/ acesso a programas educativos e computadores	2	18,1
	Não identifica mudanças	1	10	Alegação de contato restrito com o neto / participação secundária na educação	1	9,3

Como mostra a Tabela 14, a análise dessa questão permitiu identificar duas categorias globais e quatro específicas. A primeira categoria global, de maior expressão refere-se às *mudanças no padrão das práticas educativas* evidenciada por 90% das avós cuidadoras. O detalhamento das categorias específicas revelam que estas mudanças estão representadas pela *diminuição do rigor e autoridade dos filhos sobre os netos* para 45,4% das avós (f=5); pela *concepção de maior abertura, liberdade e tolerância nas famílias* para 27,2% das cuidadoras (f=3); e na *concepção de que é preciso atualização para progredir junto com o neto / acesso a programas educativos e computadores* por 18,1% das idosas (f=2). A segunda categoria global revela que uma idosa *não identifica mudanças* opinando de forma complementar ser em função do *contato restrito com o neto/participação secundária na educação*.

É plausível considerar com base em Barros (1987) e Gomes (1992, 1994) que essas idosas pertencem a uma geração onde os papéis femininos demarcados no ideal da família burguesa, nuclear, e a emancipação da mulher conviviam irrestritamente. Quanto à estrutura familiar, a mulher vinha assumindo sistematicamente a chefia pelas famílias, a opção por menos filhos e as uniões baseados no amor (Férez-Carneiro, 2005). Assim, estas tendências corroboram as mudanças no padrão de educação das

gerações mais novas em relação às mais antigas que podem estar mais evidentes em função das modificações nos arranjos familiares, da longevidade e da desconstrução de estereótipos ligados à velhice (Neri, 2007; Ferrigno, 2006; Forquin, 2003, Gusmão, 2003; Santos, 2003).

Um exemplo destas mudanças surge no trecho seguinte: *Ah, é diferente porque os meus filhos já são adultos né, e aí naquele época, eles tinham mais respeito, (...) eles não tinham tanta liberdade, eles não tinham computador, eles não tinham essa desenvoltura que a criança tem, (...) as crianças de hoje são mais desenvolvidas, mais inteligentes, não sei se são os estudos diferentes, era muito diferente o tipo de educação, de ensino também, do de antigamente para o de hoje.* (Cuidadora 6).

A Tabela 15 apresenta a análise das opiniões das cuidadoras envolvendo o compartilhamento das idéias sobre a educação dos netos com os filhos.

Tabela 15:

Compartilhamento de idéias e opiniões entre avós e filhos

Questão 11:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
A avó cuidadora compartilha idéias e opiniões sobre a educação dos netos com os filhos	Compartilhamento ativo	8	80	Assuntos que envolvem comportamentos, atitudes e a escolaridade dos netos	8	72,7
	Compartilhamento passivo	2	20	Justificativa envolvendo o desequilíbrio emocional materno que dificulta o diálogo	2	18,1
				Concepções contraditórias sobre as práticas educativas entre cuidadora e filhos	1	9,2

Como apresenta a tabela 15, as opiniões das cuidadoras derivaram duas categorias globais e quatro categorias específicas. 80% das avós informam o *compartilhamento ativo*, complementado pela expressão de que refere-se a *‘assuntos que envolvem comportamentos, atitudes e a escolaridade dos netos* para 72,7% das avós. A segunda categoria global, *compartilhamento passivo* teve a frequência de 20% . Duas categorias específicas acompanharam esta segunda, *a justificativa envolvendo o desequilíbrio emocional materno que dificulta o diálogo* em 18,1% dos casos (f=2) e as

concepções contraditórias sobre as práticas educativas entre cuidadora e filhos’ para uma idosa.

Os dados aqui obtidos, em consenso com a literatura, corroboram os primeiros estudos sobre a interação afetiva entre avós e netos (Neugarten & Weintein, 1964). Nesta amostra, 89% das avós idosas indicaram alto nível de diálogo sobre os netos com os filhos, além de manterem contato freqüente com os netos (62%) em diálogos na maioria das vezes afetivo, porém superficiais. O estilo afetivo, nesta amostra, de acordo com os dados referentes às concepções sobre educação e cuidado, sinalizam que essas avós desempenham junto a seus netos uma prática educativa pouco efetiva. Esta concepção pode ser observada no fragmento do discurso da Cuidadora 9 : *então eu falo com ela (a filha), mas quando ela não gosta do assunto eu também tento não falar muito pra também não ter atritos, porque na realidade ela que tem que educar não sou eu, eu estou aqui é para brincar.*

A Tabela 16, última tabela, apresenta os resultados da análise da pergunta referente às percepções das cuidadoras sobre as relações familiares à medida em que envelheciam.

Tabela 16:

Percepções das avós cuidadoras sobre as relações familiares e velhice

Questão 12:	Categorias globais	F	%	Categorias específicas	F	%
Na média em que a senhora foi envelhecendo, o que mais tem chamado sua atenção em sua relação familiar.	Mudanças nos relacionamentos familiares	8	80	Os avós acumulam obrigações em função da maior dependência dos familiares	4	33,2
				Maior preocupação com o bem-estar dos netos	2	16,6
				Concepção sobre a necessidade de aprendizado constante	1	8,5
				Concepção de maior abertura ao diálogo e menos conflitos de geração	1	8,5
	Mudanças pessoais envolvendo o envelhecimento	2	20	Receio em perder a autonomia e a independência na velhice	2	16,6
				Necessidade de uma postura mais flexível e paciente em relação à vida	2	16,6

Como evidencia a tabela em questão, a pergunta *na medida em que a senhora foi envelhecendo, o que mais tem chamado sua atenção em sua relação familiar*, revelou duas categorias globais e seis categorias específicas. A primeira categoria global diz respeito a *mudanças nos relacionamentos familiares* percebidas por 80% das avós cuidadoras. Aglutinam-se à essa categoria mais geral, quatro categorias específicas: a noção de que *os avós acumulam obrigações em função da maior dependência dos familiares*, para 33,2% das avós; *a maior preocupação com o bem-estar dos netos* para duas avós (16,6%); *a concepção sobre a necessidade de aprendizado constante*, para 8,5% das avós (uma avó) e *a concepção de maior abertura ao diálogo e menos conflitos de geração*, também para uma avó (8,5%). A segunda categoria global refere-se a *mudanças pessoais envolvendo o envelhecimento*, percebida por 20% das avós que complementam seu discurso informando: *receio em perder a autonomia e a independência na velhice* (16,6% das avós) e *a adoção de uma postura mais flexível e paciente em relação à vida* também para duas avós (16,5%).

Os dados obtidos realçam a questão da aproximação das gerações e das necessidades de uma sobre a outra. Esta tendência pode ser observada nas pesquisas de Oliveira (2009), Triadó et al (2006), Falcão e Salomão (2005), Barros (2006), Araújo e Dias (2002), e nos estudos de Bengtson et al (1983, 2002) que realçam as mudanças nas relações familiares em função da presença das avós. Nesse sentido, como argumentam as pesquisas citadas, a solidariedade intergeracional, pode assumir diversas facetas, desde um caráter afetivo, marcado por interações constantes e frequentes onde haja altos níveis de ajuda entre avós, filhos e netos a estilos de interação funcional e consensual, marcado por obrigações e imposições de ordem financeira, por exemplo. Os dados convergem com estudos demográficos brasileiros (Camarano, 2006; Goldani, 2004; Cabral, 2009; Engler, 2007) que ressaltam o aumento das mulheres como

provedoras, chefes de família, e principais cuidadoras no âmbito familiar. A Cuidadora 8 salienta esta questão em seu discurso: *Na minha relação familiar, eu acho a convivência com os meus pais muito idosos, dá uma antevisão da minha, do meu futuro, caso eu envelheça, quando você lida com idoso você tem que repetir muito, você fala e não escutam, você fala de novo, então pra mim, todo dia é um exercício de paciência, eu sou filha única né, então tudo é comigo, compra, médico, exame, tudo sou eu que tenho que fazer, então, eu tenho que, eu tenho uma vida bastante ocupada.* Outras cuidadoras expressam sua preocupação em deixar o netos, como observado no relato da Cuidadora 10: *O medo de deixá-los é o que me preocupa. O que seria deles, não é, porque é com esse dinheiro que eles estão sobrevivendo ainda, depois é minha obrigação também de ajudar, então eu falo por bem, eu to com dinheiro, está sobrando.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto das relações intergeracionais acentuadas pelas mudanças demográficas em todo mundo, contribuiu para a maior convivência entre avós e netos. Nesse sentido, o principal propósito desse estudo foi investigar o papel das avós cuidadoras maternas no ambiente familiar e sua repercussão para a criação e educação dos netos. Buscou-se também investigar as concepções dessas avós sobre educação, tarefas e práticas de cuidado relacionadas ao acompanhamento escolar dos netos, na tentativa de caracterizar o perfil de conhecimento que possuem sobre o desenvolvimento infantil, necessidades afetivas e escolares atuais dos netos.

No âmbito das crenças envolvendo motivos ligados ao cuidado aos netos destacam-se: o trabalho e a separação dos pais como indicadores de modificações na interação familiar. Quanto às práticas educativas das cuidadoras sobre os netos, alguns elementos significativos podem ser destacados:

- a crença de que a avó deve desempenhar um papel secundário na educação dos netos e no acompanhamento da escolaridade deles, expressão da concepção restritiva de educação baseada em valores mais antigos e tradicionais; esse tipo de crença inviabiliza a execução de estratégias mais autoritativas com os netos;
- a percepção de que o desenvolvimento saudável dos netos dificulta-se por motivos ligados à ausência e/ ou falta de tempo dos pais;
- o destaque para o relacionamento afetivo baseado em diálogos frequentes e cotidianos com os netos sobre assuntos relacionados à convivência familiar, escolar e comportamental dos mesmo.

Sobre as características referentes às conseqüências dos cuidados ofertados aos netos nessa amostra, destacam-se alguns benefícios tanto para avós quanto para os netos. É válido ressaltar que esses dados podem estar relacionados à autopercepção da saúde, que para essa amostra apresenta-se em sua grande maioria boa e excelente. Dentre esses benefícios destacam-se: o bem-estar e a realização pessoal para as cuidadoras, bem como, a sensação de utilidade e de continuidade dos valores familiares;

Embora escassas, algumas percepções negativas da interação familiar com os netos, foram relatadas por essas avós. Remetem às exigências físicas ligadas ao cuidado freqüente em função da dificuldade em impor limites e controlar o comportamento dos netos, assim como às demandas de seu acompanhamento escolar, que de alguma forma podem estar associadas às diferenças no nível de instrução das idosas em relação aos netos e às contradições no modo de educar das idosas para as filhas.

Quanto ao relacionamento intergeracional, tendo como ponto de partida as relações familiares dessa amostra, pode-se considerar:

- a crença na importância das avós para as famílias atuais, representando apoio instrumental e financeiro aos filhos, e afetivo/emocional para os netos em função do distanciamento familiar entre filhos e netos;
- as mudanças nas composições familiares expressam outras mudanças de cunho social e histórico, onde as necessidades financeiras dos filhos perfazem outras demandas às mães idosas, que por obrigação e talvez, imposição da conjuntura atual desses fatores, se preocupam com a criação dos netos;
- as mudanças no padrão de educação das gerações mais antigas para as mais novas, marcadas por maior abertura, maior diálogo, embora, pouco autoritativas;

- o compartilhamento ativo das avós com as filhas sobre o comportamento dos netos, suas necessidades e prioridades familiares;
- a percepção do próprio processo de envelhecimento, da longevidade como veículos de mudanças e demandas nos relacionamentos pessoais e familiares dessas idosas.

A análise dos relatos dessas avós, a crença das idosas indica que sobre o processo educativo dos netos pode ser um impeçilho para o desenvolvimento futuro dos mesmos já que em função da ausência dos pais, por motivo de trabalho, principalmente, a monitoria e supervisão dos netos, no que se refere ao acompanhamento escolar, fica insatisfatório. É uma situação preocupante, que envolve de um lado fatores de risco para as crianças embora proteja as idosas, que ao deixar essa função para os pais se eximem de tarefas que possam lhe trazer prejuízos de ordem física e emocional. Nesse sentido, de acordo com essa investigação, as diferenças e contradições entre o modo de educar dessas avós e o padrão de educação dos filhos podem favorecer a emergência de problemas futuros para os netos no que tange à escolarização e formação integral.

Outro dado relevante refere-se aos benefícios percebidos pelas avós a partir do contato freqüente com os netos, dado que se associa possivelmente, pela proximidade geográfica e composição familiar intergeracional. É interessante notar que para essa amostra, esses benefícios representam ganhos de ordem pessoal marcados pela leveza e afetividade das relações. Os dados obtidos também realçam a importância das avós para as famílias, como um suporte prático para os filhos e afetivo para os netos. As avós oferecem aos netos recursos ambientais como presença e diálogo, primordiais, segundo Gomide (2003), para o desenvolvimento futuro. O distanciamento entre filhos e netos são uma das principais mudanças observadas por essas avós no contexto familiar. De acordo com essa análise, a presença das avós, mesmo que superficial, é um fator

protetivo ao desenvolvimento emocional dos netos em plena idade escolar. Ao conversar sobre assuntos diversos, o dia a dia na escola, perguntar sobre dúvidas, estimular o neto a contar-lhe o que aconteceu na escola, a avó participa de sua vida e auxilia a criança a elaborar situações e conflitos através de um diálogo espontâneo e prazeroso para ambos.

Considera-se que outras pesquisas podem e devem investigar não só o conhecimento das avós maternas cuidadoras, mas também de avós e avôs paternos que tem se responsabilizado pelo cuidado dos netos em idade escolar. Os netos, também podem ser consultados, a fim de se conhecer a percepção deles sobre a referência dos avós em suas vidas, dados pertinentes para que se promovam intervenções preventivas no contexto escolar e familiar.

A partir do que foi apresentado na introdução do presente trabalho e os resultados empíricos aqui apresentados, torna-se evidente o papel das avós como co-educadoras dos netos mesmo numa situação de solidariedade imposta. Nesse sentido, é possível considerar as situações de cuidados entre avós e netos geram necessidades e questões específicas ligadas ao contexto escolar dos netos e à qualidade de vida e das interações das idosas com esses netos em suas famílias. Defende-se aqui o papel das escolas como espaços de integração para as avós promovendo a atualização de conhecimentos e estratégias ligadas ao acompanhamento escolar dos netos, como espaços de trocas de experiências visto o conhecimento adquirido por elas em torno de suas trajetórias de vida. Espera-se também, que os dados aqui obtidos contribuam para novas pesquisas sobre os relacionamentos intergeracionais e seus efeitos no contexto familiar, escolar e social, oferecendo subsídios práticos para os psicólogos escolares promoverem a aproximação e o aprendizado mútuo entre as diversas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcântara, A. O. (2008). Relações intergeracionais e educação: memórias em ação. *Ciências da Educação*, 19 (2), 77 – 102.
- Araújo, M. R. G. L. & Dias, C. M. S. B. (2006). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, 7 (1), 91 – 101.
- Baltes, P. B.; (1991). The many faces of human ageing: toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine*, 21, 837-854.
- Baltes, P.B.; Schaie, K.W., & Nardi, A.H. (1971). Age and experimental mortality in a seven-year longitudinal study of cognitive behavior. *American Psychological Association*, 5(1), 18-26.
- Baltes, P.B., & Willis, S.L. (1977). Toward psychological theories of aging and development. In: J.F. Birren & Schaie, K.W. (Eds). *Handbook of psychology of aging* (pp. 128-154). New York: Van Nostrand Reinhold.
- Baltes, P.B.; Cornelius, S.W.; Spiro, A.; Nesselroade, J. R. & Willis, S. L. (1980). *Development Psychology*, 16(6), 625-635.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical Propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Development Psychology*, 23(5), 611-626
- Baltes, P. B. (1991). The many faces of human ageing: toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine*, 21, 837-854.
- Baltes, P. B. & Smith, J. (1995). Psicologia da Sabedoria: origem e desenvolvimento. In: A. L. Neri (Org). *Psicologia do Envelhecimento*. (pp. 41-72). Campinas: Papirus.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Barros, M. L. (2006). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Barros, M. L. (2007). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic psychology monographs*, 75(1), 43-88.
- Bengtson, V.L.; Furlong, M. J. & Laufer, R. (1983). Time, aging, and the continuity of social structure: themes and issues in generation analysis. *Journal of Studies Issues*, 39 (4), 45-71.

- Bengtson, V. L. & Roberts, E. L. R. (1991). Intergenerational Solidarity in Aging families: an example of formal theory. *Journal of Marriage and the family*, 53 (4), 856-870.
- Bengtson, V. B. (2001). Beyond the nuclear family: the increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and family*, 63, 1-16.
- Bengtson, V.; Giarrusso, R.; Mabry, J. B. & Silvestein, M. (2002). Solidarity, Conflict, and Ambivalence: complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? *Journal of Marriage and Family* 64, 568-576.
- Borges, C. C. (2006) *Recriando vínculos familiares: jovens e relações intergeracionais na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Bolsoni-Silva, A.T.; Del Prette, A. & Oishi, J. (2003). Habilidades Sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. *Argumento*, 9, 11 - 30
- Bolsoni-Silva, A. T.; Salina-Brandão, A.; Versuti-Stoque, F. M. & Rosin – Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção em habilidades sociais parentais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (1), 18-33.
- Brandão, L.; Smith, V.; Sperb, T. M. & Parente, M. A.M. P. (2006). Narrativas Intergeneracionais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*. 19 (1), 98-105.
- Braz, M. P.; Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151 – 161.
- Bronfrenbrenner, U. (1996). *A ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Cabral, B. E. S. L (2009). Longevidade e Permanência das Desigualdades de Gênero e Geração na Família Contemporânea. *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro, RJ.
- Cachioni, M. & Neri, A. L. N. (2004). Educação e Gerontologia: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1, 99 – 115.
- Camarano, A. A. (2006) Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: E.V. Freitas; L. Py; F. A. X. Cançado, J. Doll; M. L. Gorzoni. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (pp. 88- 105). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Camarano, A. A.; Pasinato, M. T. & Lemos, V. R. (2007) Cuidados de longa duração para a pessoa idoso: uma questão de gênero? In: Neri, A. L.(Org). *Qualidade de vida na velhice*.(pp. 13-60). Campinas: Alínea.
- Castro, L. R. (2006). Admirável mundo novo: a cadeia das gerações e as transformações do contemporâneo. In: Colinvaux, D; Leite, L.B. & Dell'Aglio, D. D.(Org). *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. (pp. 249- 268). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Chachamovich, E.; Trentini, C. & Fleck, M.P.A. (2007). Qualidade de vida em idosos. Conceituação e investigação. In: Neri, A. L. (Org). *Qualidade de vida na velhice*. (pp. 61-82). Campinas, São Paulo: Editora Alínea.
- Costa, M. E. (2001). Generatividade: questões de desenvolvimento e de intervenção psicológica. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17 (18), 25-35
- Coll, C. (2004). Concepções e tendências atuais em psicologia da educação. In: Coll, C; Marchesi, A. & Palacios, J. (Org). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, V.2 (pp. 19-44). Porto Alegre: Artmed.
- D'Avila –Bacarji, K.M.G.; Marturano, E.M. & Elias, L.C. S. (2005) Suporte Parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 10 (1), 107-115.
- Debert, G. G. (1999). A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: Neri, A. L. N. & Debert, G. G. (Org). *Velhice e Sociedade*. (pp. 41-68) São Paulo: Papirus.
- Debert, G.G. & Simões, J. A. (2006) Envelhecimento e Velhice na família contemporânea. In: Freitas, E.V.; Py, L; Cançado, F. A. X.; Doll, J. & M. Gorzoni. (Orgs). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (pp. 1365-1373). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Debert, G. G. (2007). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, M. L. (Org) *Velhice ou Terceira Idade?* (pp. 49-68). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Del Prete, A. & Del Prete, Z.A.P. (2003). *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Campinas, SP. Alínea.
- Del Prete, A.: & Del Prete, Z. A. P. (2005). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância. Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes
- Dessen, M. A. & Junior, A. L. C. (2006). A ciência do desenvolvimento humano: desafios para a pesquisa e para os programas de pós-graduação. In: Colinaux, D; Leite, L.B. & Dell'Aglio, D. D. (Orgs). (pp. 134-158). *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dias, C. M. S. B; Costa, J. M. & Rangel, V. A. (2005). Avós que criam seus netos, circunstâncias e conseqüências. In: T. Féres-Carneiro (Org). *Casal e Família*.(pp. 158-176) . Rio de Janeiro: PUC.
- Engler, T. (2007). Como a economia pode favorecer a construção de uma velhice bem-sucedida. In: A. L. Neri (Org). *Qualidade de vida na velhice*. (pp.83-126). Campinas: Alínea.

- Engstrom, M. (2008). Involving Caregiving Grandmothers in Family Interventions when Mothers with substance use problems are incarcerated. *Family Process*, 47(3) 357-371.
- Erikson, E. H. (1971). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Falcão, D.V.S & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22 (2), 205-212.
- Feres-Carneiro, T. (2005). *Família e Casal: efeitos na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Puc-Rio.
- Ferrigno, J. C. (2006). A co-educação entre as gerações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, 20(5), 67-69.
- Flavell, M. (1999). *Desenvolvimento Cognitivo*. Porto Alegre: Artmed.
- Forquin, J. (2003). Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. *III Congresso Internacional Co-educação entre gerações*. SESC. São Paulo
- Goldfarb, D. C. & Lopes, K. G. C. L. (2006). Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre as gerações. In: Freitas, E.V.; Py, L; Cançado, F. A. X.; Doll, J. & Gorzoni (Orgs). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (pp. 1374-1382). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Goldani, A. M. (2004). Relações Intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar: por que se deve repensar essa relação para o Brasil. In: A. A. Camarano (Org). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* (pp. 353-410). Rio de Janeiro, Ipea.
- Gomes, J. V. (1988). Do Campo à cidade: as transformações nas práticas educativas familiares. *Cadernos de Pesquisa*, 64, 48-56.
- Gomes, J. V. (1992). *Família e Socialização*. Psicologia USP, 3 (1/2), 93-105.
- Gomes, J. V. (1994). Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, 91, 54-61.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: A. Del Prette.; Z. A. P. Del Prette (Orgs). *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. (pp. 21 – 60) Campinas: Alínea.
- Grinstead, L.N.; Leder, S.; Jensen, S. & Bond, L. (2003). Review of research on the health of caregiving grandparents. *Journal of Advanced Nursing*, 44 (3), 318-326.
- Gusmão, N. M. M.(2003). *Infância e velhice*. Campinas: Alínea.
- Guzzo, R. (2008). Psicologia em instituições escolares e educacionais. In: Conselho Federal de Psicologia. *Ano da Psicologia na Educação: textos geradores*. (pp. 53-62).

- Haddad, L. (2002). Substituir ou compartilhar? O papel das instituições de educação infantil no contexto da sociedade contemporânea. In: M. L. Machado (Org). *Encontros e Desencontros em Educação Infantil*. (pp. 91-96). São Paulo: Cortez.
- Herédia, V.B.M; Casara, M. B. & Cortelletti, I. A. (2007). Impactos da longevidade na família multigeracional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10 (1), 7-28.
- Hutz, C. S. (2002). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 22 (1) 29-34.
- Kalache, A. (2007). Envelhecimento Populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (10), 2503-2505.
- Lacasa, P. (2004) Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais. In: C. Coll; A. Marchesi.; J. Palacios (Orgs). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. V.2 (pp. 403-419). Porto Alegre: Artmed.
- Lamego, C., Menezes, M. (2008). Registro Civil. Recuperado em 28 de Agosto, 2010, www.ibge.gov.br/comite.estatisticas.sociais/metadados_ibge_pop_estatisticas.php
- Leder, S.; Grinstead, L. N. & Torres, E. (2007) Grandparents Raising Grandchildren. Stressors, Social Support, and Health Outcomes. *Journal of Family Nursing*, 13 (3), 333-352.
- Leite, M. C. A. (2001). Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2000. Centro de Pesquisas Sociais/CPS. ICHL. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Lo, M. & Liu, Y.(2009) Quality of life among older grandparent caregivers: a pilot study. *Journal of advanced nursing*, 65(7), 1475-1484.
- Lopes, E. S. L.; Neri, A. L. & Park, M. B. (2005) Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos de Envelhecimento*, 8 (2), 239- 253.
- Marangone, J. F. C. (2007). *Meu tempo, seu tempo: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- McAdams, D. P. & St Aubin, E. (1998). *Generativity and adult development: how and why we care for the next generation*. Washington: American Psychological Association.
- Maia, J. M. D. & Williams, L. C. A.(2005) Fatores de Risco e Fatores de Proteção ao desenvolvimento infantil. *Temas em Psicologia*, 13 (2), 91-103.
- Miranda, D. S. (2003). O encontro das gerações no SESC São Paulo. A história de um processo de inclusão social. *III Congresso Internacional Co-Educação de Gerações*. SESC. São Paulo.
- Mota, M. E. (2005). Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 13 (2), 105-111.

- Negreiros, T. C. G. M. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e Feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4 (1), 37 – 47.
- Neri, A. L. (1995). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (2001). *Palavras chaves em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14 (1), 17-34.
- Neri, A. L. (2007). *Qualidade de vida na velhice*. Campinas: Alínea.
- Netto, M. P. (2006). O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: E. F. Freitas; L. Py; F. A. X. Cançado; J. Doll.; M. L. Gorzoni. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (pp. 2 – 12). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Neugarten, B.; Havighurst, R. & Tobin, S. (1961). The Measurement of life satisfaction. *Gerontologist*, 16, 134-143
- Neugarten, B. & Weinstein, K. K. (1964). The changing American grandparent. *Journal of Marriage and family*, 26 (2), 199-204
- Neugarten, B. (1972). Personality and the aging process. *Gerontologist*, 12, 9-15
- Oburu, P. O. (2005). Caregiving stress and adjustment problems of Kenyan orphans raised by grandmothers. *Early Development and parenting*, 14 (2), 199-220.
- Oliveira, J. C.; Albuquerque, F. R. P. C. & Lins, I. B. (2004). *Projeção da População do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050*. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.ibge.gov.com.br>
- Oliveira, P. S. (2003). Cultura e co-educação de gerações nas classes populares. *III Congresso Internacional Có-Educação das Gerações*, SESC, São Paulo.
- Oliveira, A. R. V. (2009). Avosidade: visão das avós e de seus netos. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília. Brasília, Distrito Federal.
- O. M. S. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.
- Pacheco, J. T. B. (2004). A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: uma análise a partir das práticas educativas e estilos parentais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Peixoto, C. (2007). Entre o enigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: M. L. Barros (Org). *Velhice ou Terceira Idade?* (pp. 69-84). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Pinheiro, M. I. S.; Haase, V. G.; Del Prete, A.; Amarante, C. L. D. & Del Prete, Z. A. P. (2003). Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 407-414.
- Reger, R. (1981). Psicólogo escolar: educador ou clínico? In: M. H. S. Patto. *Introdução à psicologia escolar*. (pp. 9-16). São Paulo: T. A. Queiroz, 9-16.

- Ribeiro, I. & Ribeiro, A. C. (1995). *Família em processos contemporâneos*. São Paulo: Loyola.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). Transmissão Geracional e família na contemporaneidade. In: M. L. Barros. (Org). *Família e Gerações*. (pp. 91-104). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Rodrigues, M. C. (2005). Prevenção na escola: um enfoque cognitivo-social. In: M. M. P. E. Mota. (Org). *Psicologia: interfaces em educação e saúde*. (pp. 11 – 30). Juiz de Fora: UFJF.
- Rosenthal, C. J. (1985). Kinkeeping in the familial division of labor. *Journal of Marriage and family*, 47 (4), 965-974
- Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Olhando a pessoa e seus outros, de perto e de longe, no antes, aqui e depois. In: D. Colinviaux; L. B. Leite; D. D. Dell’Aglío (Orgs). *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*.(pp. 19 – 62). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ruschel, A. & Castro, O. P. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 11 (3), 523 – 539.
- Salvador, A. P. V. (2007). *Análise da relação entre práticas educativas parentais, envolvimento com tarefas escolares, depressão e desempenho acadêmico de adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Revista Educação e Sociedade*, 26 (91), 361-378.
- Santos, S. M. A. (2003). Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: N. M. M. Gusmão (Org). *Infância e velhice*.(pp. 47-56). Campinas: Alínea.
- Scott, P. (2006). Gerações, comunidades e o programa da Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa. In: M. L. Barros (Org). *Família e gerações*. (pp. 107 – 126). Rio de Janeiro, FGV.
- Schaie, K. W. (2005) *Development influences on adult intelligence*. The Seattle Longitudinal Study. New York: Oxford University Press.
- Simões, J. A. (2007) A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: M. L. Barros (Org). *Velhice ou Terceira Idade?*(pp. 13-34). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Simões, J. A. (2002). Provedores e Militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. *Comunicação XXIII Reunião Brasileira de Antropologia*. Gramado, Rio Grande do Sul.
- Spaziro, A. M. & Féres-Carneiro, T. (2002). Construções do feminismo pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15 (1), 151- 182.

- Staudinguer, U. M.; Marsiske, M. & Baltes, P. B. (1995). Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice : perspectiva teórica de curso de vida. In: A. L. Neri. *Psicologia do Envelhecimento*. (pp. 73-110). Campinas: Papyrus Editora.
- Teixeira, I. N. D. O. & Neri, A. L. (2008) Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Revista de Psicologia, USP*, São Paulo, 19 (1), 81-94.
- Triadó, C (2005). Las abuelas y los abuelos cuidadores: tareas de cuidado, necesidades y consecuencias para la salud y el bienestar psicológico. *Memoria Científico-técnica Del proyecto*. Madrid, Espanha.
- Triadó, C.: Villar, F; Solé, C.; Osuna, M. J. & Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 41(2), 99-110.
- Todaro, M. A. (2009). Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas: Papyrus.
- Vectore, C. (1998). O "Centro Del bambini e delle famiglie": uma nova possibilidade para o atendimento de crianças. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2 (1), 33-42.
- WHOQOL, G. (1994). The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument. In: J. Orley.; W. Kuyken. *Quality of life assessment: international perspectives*. (pp. 41-60). Heidelberg: Springer Verlag.

ANEXOS

Anexo 1. Declaração***DECLARAÇÃO***

Na qualidade de responsável pelo Colégio Santa Catarina, AUTORIZO a realização da pesquisa intitulada *Percepções de avós maternas cuidadoras sobre a criação e educação dos netos*, a ser conduzida sob responsabilidade da pesquisadora Anna Paula Gomes da Silva, e DECLARO que essa instituição apresenta a infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2010.

ASSINATURA: _____

Isabel Cristina Loures Nunes

Coordenadora Geral

Anexo 2. Termo de Livre Consentimento Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ANNA PAULA GOMES DA SILVA

ENDEREÇO: RUA DOM LASAGNA, 147, 404

JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36035-160

FONE: (32) 3218 1185 / (32) 8812 2971 / E-MAIL: ANNAPGSILVA@GMAIL.COM.BR

A Sr^a está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **PERCEPÇÕES DAS AVÓS CUIDADORAS SOBRE A CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO DOS NETOS**. Neste estudo pretendemos investigar sua percepção sobre as práticas educativas e as formas de criação de seus netos em idade escolar, assim como as suas concepções sobre educação, desenvolvimento infantil. Queremos conhecer as necessidades e soluções que a Senhora utiliza em seu cotidiano quando cuida de seus netos em idade escolar.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a necessidade de se conhecer melhor os vínculos estabelecidos entre as avós e seus netos e de se pesquisar mais sobre as relações intergeracionais e seus impactos sobre as famílias, as idosas e os netos em período escolar, já que os estudos brasileiros nesta área são escassos.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos:

- Convite às avós maternas para o preenchimento do questionário de sondagem para avós maternas cuidadoras;
- Escolha das avós com o perfil desejado para a pesquisa;
- Agendamento de entrevista com as avós escolhidas, um encontro ou dois, conforme a disponibilidade da senhora.
- Leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;
- Realização da entrevista, gravação e posteriormente transcrição e tratamento dos dados.

Para participar deste estudo a Sr^a não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A Sr^a será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. A Sr^a não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc.

Apesar disso, a Sr^a tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à disposição da Sr^a quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a Sr^a.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____, fui informada dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2010 .

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFJF

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA / CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF

JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-900

FONE: (32) 2102-3788 / E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

Anexo 3. Convite**Colégio Santa Catarina****Serviço de Psicologia****Prezada Avó Materna,**

Solicitamos o seu comparecimento à escola, no dia _____, e hora _____, para tratarmos de assunto referente a condução de uma pesquisa intitulada, *A percepção das avós maternas cuidadoras sobre a educação e criação dos netos*, realizada em nossa escola. A sua participação pode contribuir enormemente para os objetivos da pesquisa, que serão explicitados nesta reunião. Favor trazer o número de sua carteira de identidade.

Contamos com a sua colaboração e participação.

Gostaríamos que confirmasse a sua presença enviando-nos o canhoto abaixo, por intermédio da agenda escolar de seu neto/a.

Local: _____

Endereço: Avenida dos Andradas, 1036

Entrada pelo Portão Principal

Atenciosamente,

Anna Paula Gomes da Silva

Psicóloga.

Recebi a Carta- Convite. Confirmo a minha presença na reunião do dia _____

Assinatura: _____ Data: _____

Anexo 4. Instrumento de Sondagem

QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO PARA AVÓS CUIDADORAS MATERNAS	
A. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
NOME: _____	Idade: _____
TELEFONE: _____	
ENDEREÇO: _____	
ESTADO CIVIL: _____	
1. Nível de Escolaridade:	
<input type="checkbox"/> superior ou 3º grau completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio ou 2º grau completo <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental ou 9º ano <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental ou 5º ano <input type="checkbox"/> Sem estudos	
2. Número de filhos: _____	3. Número de Netos: _____
4. Com quem a Senhora mora atualmente:	
(poderão ser marcados mais de um item)	
<input type="checkbox"/> sozinha <input type="checkbox"/> com parentes <input type="checkbox"/> com filho/as <input type="checkbox"/> netos <input type="checkbox"/> outros familiares <input type="checkbox"/> outros, não familiares	
5. Com quantas pessoas a Senhora mora atualmente:	
<input type="checkbox"/> uma <input type="checkbox"/> duas <input type="checkbox"/> três <input type="checkbox"/> quatro <input type="checkbox"/> cinco	
6. Qual a distância geográfica do seu neto (a):	
<input type="checkbox"/> nenhuma. Moro na mesma casa. <input type="checkbox"/> próximo. Posso ir à pé. <input type="checkbox"/> distante. Mais de trinta minutos.	
7. Como a Senhora avalia a sua própria saúde?	
<input type="checkbox"/> excelente <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> razoável.	
8. Como a Senhora avalia o desempenho do seu neto (a) na escola?	
<input type="checkbox"/> excelente <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> razoável	

<p>B.A partir de agora, a Senhora devera responder as questões, marcando com um “X” apenas uma das respostas. As questões seguintes referem-se ao tipo de cuidado que a senhora disponibiliza ao(s) seu(s) neto(s).</p>	
Cuidados básicos e Instrumentais:	
<p>1. A Senhora, cotidianamente ajuda o seu neto (a) a se levantar, escovar os dentes, tomar o café da manhã, trocar a roupa ou dar banho?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<p>2. A Senhora, frequentemente, leva o seu neto (a) para a escola e o/a busca de volta para casa?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
Acompanhamento Escolar	
<p>3. A Senhora acompanha frequentemente a escolaridade e os deveres de casa de seus netos/as?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<p>4. A Senhora frequentemente conversa com seus netos (as) sobre assuntos relacionados à escola, como, por exemplo, respeitar os colegas e os professores?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
Relacionamento Intergeracional	
<p>5. A Senhora costuma conversar com os seus filhos sobre o desenvolvimento escolar de seus netos (as)?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<p>6. A Senhora não tem o hábito de tomar conta de seus netos (as), deixando estes cuidados apenas para os pais deles?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<p>7. A Senhora vê os seus netos (as) apenas de vez em quando?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<p>8. A Senhora costuma receber e cuidar de seus netos apenas aos finais de semana e/ ou férias escolares?</p>	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO

Anexo 5. Roteiro de Entrevista.

A. Cuidados básicos e cotidianos dedicados às crianças

1. Quais as razões que levaram a senhora a se responsabilizar pelo cuidado de seus netos (as)?

B. Educação, desenvolvimento e acompanhamento da escolaridade dos netos

2. Na sua opinião, existe alguma diferença entre educar e cuidar de seus netos (as)?
3. Na sua opinião seu neto vem se desenvolvendo de uma forma saudável?
4. A Senhora acompanha a escolaridade, os deveres de casa dos seus netos (as)? Como é essa rotina no cotidiano da sua relação com seu neto (a)?

C. Relacionamento afetivo com os netos (as)

5. Como é o seu relacionamento com o seu neto (a) ?
6. Você costuma dialogar com o seu neto e neta sobre o dia-a-dia dele ou dela na família e na escola?

D. Questão referentes às necessidades da avó frente as práticas educativas

7. O cuidado diário do seu neto (a) traz alguma consequência para a senhora? Tem sido fácil ou encontrado dificuldades?

E. Sobre as relações intergeracionais

8. Qual a importância dos avós para as famílias atualmente?
9. Como a senhora caracteriza a relação entre pais, filhos e netos atualmente? Como a senhora acha que deveria ser?
10. Da educação dos seus filhos para a educação de seus netos, quais as mudanças percebidas pela Senhora? A senhora utiliza com os seus netos (as) os mesmos recursos que utilizava com os seus filhos?
11. A Senhora compartilha as suas idéias e opiniões sobre a educação de seus netos (as) com os pais deles (as)?
12. Na medida em que a senhora foi envelhecendo, o que mais tem chamado sua atenção em sua relação familiar?